



UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL

CAMPUS ERECHIM

LICENCIATURA EM HISTÓRIA

CAROLINE BACK SULZBACHER

HISTÓRIA, LITERATURA E GÊNERO:

UM ESTUDO SOBRE A REPRESENTAÇÃO FEMININA NA OBRA,

O CONTINENTE, DE ERICO VERISSIMO.

ERECHIM

2017

CAROLINE BACK SULZBACHER

História, Literatura e Gênero: Um estudo sobre a representação feminina na Obra, *O Continente*, de Erico Verissimo.

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado como requisito para obtenção de grau de Licenciado em História da Universidade Federal da Fronteira Sul.

Orientador: Prof. Dr. Gerson Luis Egas Severo

ERECHIM

2017

CAROLINE BACK SULZBACHER

História, Literatura e Gênero: Um estudo sobre a representação feminina na Obra, *O Continente*, de Erico Verissimo.

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado como requisito para obtenção de grau de Licenciado em História da Universidade Federal da Fronteira Sul.

Orientador: Dr. Gerson Luis Egas Severo

Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e provado pela banca em:

____/____/____

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Gerson Luis Egas Severo – UFFS

Prof. Dr. Roberto Carlos Ribeiro – UFFS

Prof. Dr. Fábio Feltrin de Souza – UFFS

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo analisar a visão e construção da mulher apresentada nos dois primeiros volumes de O Continente da trilogia O Tempo e o Vento do escritor Erico Verissimo. Através das reflexões sobre aproximação entre literatura e história busca-se entender como os textos literários geram interpretações e representações sobre o universo feminino. Para isso, realizou-se um estudo teórico sobre o escritor e sua obra e uma avaliação e reflexão sobre a constituição de suas personagens femininas. Em seguida, por meio de quatro personagens, Ana Terra, Bibiana Terra Cambará, Maria Valéria e Luzia, procura-se entender que interpretações e idealizações que fundamentaram essas figuras, logo, buscando captar a leitura histórica e social do autor da obra. Ora, que discernimento atual dessas criações pode ser feita para entender a contribuição do livro na busca da emancipação feminina.

Palavras-chave: Literatura. História. Mulher. O Continente

ABSTRACT

This study aimed to analyze the vision and the development of the woman presented in the first two volumes of *The Continent* from the trilogy *The Time and the Wind*, written by Erico Verissimo. By studying the approximation between literature and history, this study seeks to understand how literary works generate interpretations and representations of the feminine universe. For that purpose it was carried out a literature review of the writer and his work, as well as an evaluation and a reflection on the constitution of his female characters. Then, through four characters, Ana Terra, Bibiana Terra Cambará, Maria Valéria and Luzia, this work tries to understand what interpretations and idealizations have based these characters, thus, seeking to capture the historical and social reading of the author. In addition, it was also studied what current understanding of these creations can be made to understand the contribution of these books in the pursuit of women's emancipation.

Key-words: Literature. Woman. O Continente

SUMÁRIO

Sumário.....	Erro! Indicador não definido.
1.Introdução	7
2.Percorrendo O Tempo e o Vento.....	15
2.1A Obra e seu criador.	15
2.2 Literatura, Verissimo , Mulheres	Erro! Indicador não definido.
3. O universo feminino de Erico Verissimo.	25
3.1 Ana Terra.	26
3.2 Bibiana Terra Cambará	32
3.3 Maria Valéria Terra.....	37
3.4 Luzia Silva Cambará	43
4. Considerações Finais.....	48
5. Referências :.....	53

1.Introdução

Os estudos sobre a participação da mulher na história, bem como os mecanismos de atribuição de significações e discursos em torno da figura feminina, possuem grande importância na construção da autonomia das mulheres e na busca de um mundo mais igual e justo.

Michele Perrot(2015), propõe que o avanço da escrita da mulher desenvolve-se a partir dos anseios das mulheres em conquistar sua emancipação e liberdade. Trata-se da compreensão do efeito de uma tomada de consciência ainda mais ampla, a mulher passa a ser reconhecida como agente ativo na construção histórica.

Anteriormente, de um modo geral, as mulheres estavam condicionadas a críticas de uma insistente tradição intelectual, de Aristóteles a Freud, abrangendo historiadores que tematizavam a dicotomia mulher/natureza e homem/cultura. Esses dois polos sustentavam-se em uma visão de desigualdade, pois traduziam o universo masculino como algo racional, objetivo e público, e enalteciam os homens por suas façanhas e heroicidade, enquanto a mulher era enxergada, por sua natureza “reveladora”, com possuindo uma predisposição ao emocional, ao subjetivo e ao privado. Logo, a história, que por muito tempo foi focada no político e no público, suprimia as mulheres como produtoras e personagens legítimos (GOMES. 2015:2)

No entanto, os estudos sobre a história das mulheres ganham um maior estímulo a partir de 1970, em razão de um desenvolvimento da manifestação feminina que vêm ao encontro do crescimento da antropologia e da história das mentalidades, juntamente com os aportes da história social e com as pesquisas sobre memória social. Também temos um período em que a mulher amplia seu direito sobre as escolhas sobre seu corpo, com por exemplo com a ampliação do uso das pílulas anticoncepcionais, e amplificam sua participação na educação, na política e no mercado de trabalho (DAUPHIN et al.1986:272).

Tânia Maria Gomes da Silva (2008) escreve que no Brasil a expansão das narrativas históricas acontece no início da década de 1980 e, esse período foi bastante marcado pela dialética entre dominação *versus* opressão, deixando de lado, assim, as inúmeras formas de resistência utilizadas para escapar à dominação masculina. No

entanto, surgem novas pesquisadoras, como Silva Dias, Algranti Del Piore e Soihet, que ressalvam que a pesquisa deve “mais do que falar sobre as misérias da vida feminina, importava decodificar que poderes informais e estratégias as mulheres detinham por trás do ficcional poder masculino, e como articulavam a subordinação e a resistência” (227p.). No entanto, a introdução de novas metodologias e fontes como fontes orais, arquivos pessoais, fotos, literatura, entre outros, possibilitaram a exploração e o aprofundamento maior sobre essa demanda historiográfica, o que faz com que surjam trabalhos como o de Margaret Rago (1997), que estuda o trabalho nas fábricas no final do século XIX e início do século XX, e o de Guacira Lopes Louro (1997), que enunciava a condição de submissão das mulheres e reivindicava sua emancipação através da educação.

Desta forma,

Na historiografia feminista, vale notar, a teoria segue a experiência: esta não é buscada para comprovar aquela, aprioristicamente proposta. Opera-se uma des-hierarquização dos acontecimentos: todos se tornam passíveis de serem historicizados, e não apenas as ações de determinados sujeitos sociais, sexuais e étnicos das elites econômicas e políticas, ou de outros setores sociais, como o proletariado-masculino branco, tido como sujeito privilegiado por longo tempo, na produção acadêmica. Aliás, as práticas passam a ser privilegiadas em relação aos sujeitos sociais, num movimento que me parece bastante democratizador.(RAGO.1998:17)

Portanto, é inegável que por um longo tempo, e ainda hoje, o *sujeito mulher* é invadido por inúmeras representações - éticas, culturais, medicinais e filosóficas -, que atribuem rótulos que definem comportamentos e posições perante a sociedade vivida. Como dito há mais de sessenta anos pela precursora feminista Simone de Beauvoir, “ninguém nasce mulher: torna-se mulher”.

Entende-se que muitos avanços estão sendo conquistados como autonomia de si, o que envolve direitos políticos e sociais; porém, sabe-se que falta muito para uma conquista de igualdade de gênero. Como relata Mirla Cisne (2014), existe uma consciência histórica enraizada nos valores patriarcais que remontam ao nosso período colonial; porém, essas consciências não são estáticas, pois são produto de um meio social que está em constantes mudanças. A consciência se estabelece a partir de relações absorvidas de forma inconsciente, desde as quais o indivíduo assimila valores do mundo externo como seus, estando conectado com as multi-relações que terá ao longo de sua

trajetória. Desta forma, surge como um sumário entre as relações entre indivíduo e sociedade. (37 p.)

Dito isso, temos que o presente estudo, concentra-se na ideia de que a literatura sempre constituiu uma forte expressão da experiência humana, sendo causadora de emoções, razão e sentimentos os mais variados, que giram em torno de nossa vivência e modo de ver o mundo, trabalhando com representações da realidade do ser. Logo, articulando-se com o mundo, ela é produto de diversas forças que instigam determinados discursos. Quando procura-se entender como determinadas relações sociais, econômicas e políticas se conjugaram na sociedade; a narrativa literária produz um efeito de verdade através de uma determinada perspectiva.

Todavia, é relevante entender como surgem as novas formas de interpretações e problematizações históricas, pois cada geração entende e direciona o seu problema de pesquisa de acordo com um conjunto de conceitos que vai se renovando no tempo, e, a partir disso, busca suas respostas às complexidades das relações humanas. Novos tempos, novos olhares. Atualmente, os estudos precisam estar atentos ao processo de globalização que ocorre, pois se vive um entrelaçamento e uma fragmentação da realidade estudada, fazendo-se necessário encontrarmos novas formas e entradas para compreendê-la (PESAVENTO.2006).

Ou seja, a história está sujeita à movimentação do campo dialético do saber, que se move pelos seus domínios através de suas proposições, interpretações e conjuntos de saberes que procuram dar conta das inquietações existentes, buscando sempre suas verdades através de seus objetos de estudo.

Desse modo, Barros (2011) escreve que durante o século XX emerge no campo historiográfico uma nova construção teórica sobre o olhar histórico, isto é, a história inicia seu envolvimento com os outros campos dos saberes, como a antropologia, a linguística, a psicologia e a ciência política, tendo como objetivo identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma realidade cultural é arquitetada, refletida, e como ocorrem as leituras dessas realidades (55p.).

Sendo assim:

O gesto de representar e significar o mundo é operado pela linguagem e suas formas de expressão codificada. Dessa maneira, a língua, a literatura, as artes, a fotografia, as imagens, os sons, a

televisão, a internet, por exemplo, são potentes instrumentos de consolidação de significados. E na medida em que fabricam verdades, que carregam uma intrínseca historicidade de suas formas, conteúdos, suportes e relação de produção, merecem ser objetos de estudo.(SOUZA.2015:19)

Por isso a :

Nova História Cultural não é apenas a gradual constituição de um novo repertório conceitual, mas também o deslocamento para novas abordagens. ‘As aberturas apontam na direção de um aumento cada vez maior da percepção da complexidade pertinente aos aspectos culturais. A Cultura é cada vez mais percebida não apenas como “dinâmica”, mas também como “internamente diversificada”. Os atores sociais são compreendidos como capazes de circular entre diversas alternativas, ou de se utilizar criativamente de um variado repertório de possibilidades culturais (BARROS, 2011:56)

Nessa perspectiva, ponderamos alguns pontos sobre as aproximações entre história e literatura e sua importância sobre os estudos históricos, partindo da percepção de que as obras literárias brasileiras começam a ter um valor simbólico maior quando, com o êxodo do campo para a cidade, que no Brasil tem maior fluxo após a década de 1930, surgem entendimentos diferentes a respeito dos valores do campo, por exemplo, e do papel que a educação, que passa a representar as bases de um projeto de nação. Nesse momento, surge a necessidade de se criar novos valores culturais, correspondentes a uma nova conjuntura social, voltada à modernidade e à realidade urbana (TORRESINI.2007:31).

Portanto a literatura, como objeto na construção de uma nação que combine com um Estado moderno, ou seja, para estabelecer identidades nos contemporâneos estados da América Latina, entra como importante instrumento pedagógico, pois relata contradições e sinaliza os espaço de cada grupo étnico, social e político dentro das disputas internas dos países. Sendo assim, aparecem em um primeiro plano como articuladores desse novo projeto os romances históricos, que surgem como um “casamento” entre história e literatura. Torresini relata que:

Romancistas e Historiadores desempenham o papel de refletir e analisar os padrões de comportamentos e de convivências sociais... Mais do que um romance, o romance histórico alimenta o **poló cultural de entendimento geral**, através do seu poder de tornar o passado presente e de contribuir para manutenção da memória histórica , coletiva e social. (2007:36.grifo autor)

História e literatura são manifestações distintas. No entanto, ambas têm pretensões de representar as experiências humanas no tempo e constituem, de certa forma, meios de significar inquietações e questões que compreendem essa experiência. A historiadora Sandra Jatahy Pesavento (2003) salienta que a literatura e a história estão altamente ligadas, pois ambas oferecem o mundo como texto, através de uma narrativa que produz um enredo que esclarece uma história, utilizando-se de um aparato discursivo que se fundamenta em operações de linguagem e artifícios retóricos, produzindo assim significados no tempo. Logo, “Literatura e a História teriam o seu lugar, como formas ou modalidades discursivas que tem sempre como referência o real, mesmo que seja para negá-lo, ultrapassá-lo ou transfigurá-lo.” (33 p.)

Além disso, o historiador enxerga na literatura um documento histórico, e portanto sua produção tem um compromisso com o passado. Dessa forma, empenha-se na obtenção da veracidade dos fatos, ou seja, o estudioso deve ter como propósito ordenar e organizar os eventos identificados no passado, mesmo que nunca escape à subjetividade do sujeito historiador. Por isso, a diferença de maior relevância entre a história e a ficção é a de que o historiador “encontra” suas histórias e as interpreta, ao passo que o ficcionista “inventa” suas histórias a partir de outras.

Borges (2010) relata que a literatura aparece como indicadora da historicidade das experiências de invenções e construções de uma sociedade, em meio a um complexo e conflituoso campo social, no qual o autor vai se inserir juntamente com todo um aparato simbólico e mental incorporados na sua produção. À vista disso, o historiador deve aplicar-se em compreender e ter a sensibilidade para perceber as finalidades e intencionalidades descritas na narrativa literária, procurando entender quais negociações ocorrem com o mundo social e de que forma se apresentam no texto, estabelecendo assim todas as correlações possíveis dos acontecimentos presentes na obra para revelar significados, alcançando problemas de pesquisa inéditos nas fontes literárias.

É importante ressaltar que por muito tempo os estudos envolvendo história e literatura foram realizados sob duas perspectivas: a primeira analisava a literatura através de uma realidade (social ou econômica) que estudava o texto por meio de uma construção ideológica estabelecida pela posição social do autor. Já a outra ocorria sobre a óptica do procedimento estético da obra, que é ancorado sob a luz da subjetividade do

autor. As duas formas de pesquisa acreditam que a linguagem remete a fatores exteriores a ela, isto é, à estrutura socioeconômica ou ao indivíduo (NAVARRETE, 2011:25).

No entanto, uma nova concepção sobre métodos de estudo sobre história e literatura surge em decorrência dos novos estudos culturais. Estes entendem que não existe uma associação unilateral, e sim dialética, entre o universo social e os métodos estéticos da obra, em que uma determina a outra. Nesse viés encontra-se o historiador francês Roger Chartier, que acredita que se deve desfocar da intencionalidade da escrita e passar-se a entender por que determinados fatos ocorreram da forma que ocorreram.

Portanto, em suas análises o autor utiliza-se das percepções de representações e apropriações presentes nas obras, e de suas significações em determinados meios sociais. Em sua perspectiva, a literatura é uma representação do mundo social, mas não uma representação fiel a ele.

“as representações entendidas, como as classificações, divisões e delimitações que organizam a apreensão do mundo social e as apropriações, tomadas como os diferentes processos através dos quais é historicamente produzido um sentido e diferenciadamente construída uma significação.” (CHARTIER apud NAVARRETE.2011:25)

Assim, o historiador precisa estar atento a essas dimensões de representações, tais como a forma e regras da sua escrita, critérios e padrões, e a estética de sua elaboração. Além disso, perceber as reflexões que as obras fazem sobre a realidade, quais temas são abordados e problematizados, buscando compreender o texto como campo de tensões e contradições.

Outro ponto essencial no tratamento que o historiador confere aos chamados, aqui, romances históricos, é encontrar a produção dos efeitos de sentido que um texto pode conter, que podem ser múltiplos e que aparecem nos próprios dispositivos estéticos da escrita. Quer dizer, que tipo de sentimento o autor quer ocasionar em seus possíveis leitores, e de que artifícios ele se utiliza. Porém, é importante lembrar que os textos, tendo uma multiplicidade de sentidos, também acarretam uma multiplicidade de interpretações: leitores variados produzem leituras diferentes, com interpretações diversas.

“Em meio a esse complexo caleidoscópio de imagens e representações, cabe-nos reunir e aproximar informações, às vezes,

dispersas, fragmentadas e afastadas, interpondo-as e transpondo-as ao buscar inteirar-se de um mundo que foi e não é mais e as suas circunstancialidades, na procura de assimilar, digerir e interpretar os sinais que se dão a ler, com o objetivo de reconstruir uma paisagem cultural e atingir os significados tecidos e inscritos na cultura” (BORGES.2010:106)

Logo, Chartier relata que o historiador deve estar atento a “imposições transgredidas e liberdades reprimidas” presentes no texto, pois a literatura é um objeto cultural reprodutor de representações, sofre determinados constrangimentos e é a partir deles que devemos elucidar o texto literário, quer dizer, com base nas “linguagens estéticas ou descritivas disponíveis em um dado momento, a teoria da representação própria a cada forma de expressão, as exigências de censura e de autocensura e a identidade cultural do público a que se dirige a obra.” (CHARTIER apud NAVARRETE.2011:32). E, também, é a partir de como o autor vai lidar com esses constrangimentos histórico-culturais, explorando, resistindo, envolvendo se, que vai dar suporte para entendermos como a obra é construída.

O literato tendo em mãos um complexo de meios hábeis, escolhe como determinado tema vai ser tratado no seu livro. Esses temas, por sua vez, podem ser incômodos na temporalidade de sua escrita, e é para isso que o historiador deve estar atento. Por exemplo – e este é o caso da presente monografia -, como o autor trabalhará as mulheres em sua obra. A compreensão da mulher na sociedade muda ao longo do tempo, portanto o estudioso precisa refletir se o literato se esforça no sentido de problematizar e dar visibilidade a essas questões em sua obra, ou se continuará perpetuando ideias conservadoras ou que ajudam a reforçar personificações genéricas.

O presente trabalho irá dedicar-se a entender que figurações do feminino são construídas nos dois primeiros volumes da obra *O continente* da trilogia *O Tempo e o Vento*, de Erico Verissimo¹. A obra transcende gerações há mais de sessenta anos e sua criação representou um novo marco da literatura brasileira moderna.

¹ Considerado um dos mais escritores do século XX, tem dezenas de livros lançados entre contos, romances, narrativas de viagem e literatura infanto-juvenil tendo suas obras traduzidas em diversas línguas. Ganhando inúmeros prêmios por suas obras literárias, como o Jabuti (1966) maior prêmio literário do Brasil, "Prêmio Machado de Assis" (1954), prêmio Juca Pato como intelectual do ano concedido pela Folha de S.Paulo e pela União Brasileira de Escritores (1967), o do PEN Clube (1972). Além do mais, o escritor Colombiano Gabriel Garcia Marquez reconhece a influência da obra *O Tempo e o Vento* na construção da obra **Cem anos de Solidão** considerada a maior obra da literatura hispânica. GONÇALVES, R.P. **O Tempo e O Vento :50 anos**. Santa Maria: UFSM; Bauru,: EDUSC. 2000.

A escolha da obra partiu da percepção de que é importante estudar literaturas que tiveram e ainda têm grande receptividade popular, e de serem textos consagrados pela crítica. A escolha dos dois primeiros volumes foi feita pela temporalidade da sua escrita, a década de 1940, na qual desenvolvem-se os primeiros movimentos emancipatórios das mulheres, e pela grande carga de personagens mulheres de notável representatividade. Ademais, a escolha vem do apreço e relevância que o livro representou em minha formação individual como leitora.

O Tempo e o Vento é considerado “uma verdadeira reflexão sobre a marcha da História e o sentido da temporalidade no destino humano” (CHAVES:1976:15). Veríssimo, quando abordado sobre seu processo de escrita, manifesta que:

‘Quem escolhe a arma é o próprio romantista ... ou pelo menos , ele pensa que escolhe, pois continuo afirmar que que o processo de criação literária opera no plano do inconsciente, repositório insondável de vivências, intuições, experiências... O consciente (que os psicólogos e analistas me perdoem essa heresia!) é apenas a frente da loja, em cujas prateleiras se expõem algumas “mercadorias” e cujo o balcão monta guarda um sujeito meio atarantado que olha pra rua e espera a “freguesia” a qual terá que se comunicar-se e transacionar. A parte mais importante da casa é o “depósito dos fundos”, cujo inventário é impossível de fazer cujas riquezas ninguém consegue sondar’.(GRANDI.1997:61)

O primeiro capítulo do trabalho parte de uma análise da composição e importância da obra *O Tempo e o Vento* e procura refletir sobre os delineamentos literários do autor. Além disso, procurar-se-á se refletir sobre a presença das personagens mulheres em outras de suas obras, e sobre outras representações femininas na literatura .

O segundo capítulo tem como objetivo analisar quatro importantes personagens presentes em *O Continente*: a primeira é Ana Terra, pelo sua centralidade na trama e por ser uma das personagens mais conhecidas popularmente, assim como Bibiana Terra Cambará, considerada a perpetuação de sua avó materna Ana, porém vivendo uma temporalidade distinta da dela e apresentando um relevante processo de amadurecimento no decorrer da obra. Além delas, o trabalho vai analisar a figura de Maria Valéria Terra , única personagem a atravessar os sete volumes da trama e que aparece como um elemento de irregularidade do “desígnio feminino”. E , por último, a

polêmica personagem Luzia, que é apresentada na trama de forma controversa e representando uma notável fuga de padrões.

Sendo assim, o trabalho pretende analisar que tipos femininos são construídos nos livros *O Continente I e II* do escritor Erico Verissimo, que formas de representações e releitura ele produz acerca dessas mulheres dos séculos XVIII e XIX, e que análise atual possível ser feita desses aspectos da obra através dessa pesquisa.

2.Percorrendo O Tempo e o Vento.

2.1A Obra e seu criador.

Em uma entrevista para a revista Manchete em 1971, Erico Verissimo expõe considerações sobre suas aproximações com a História. Para ele a História é feita de pequenas e grandes histórias. Além disso, o escritor salienta que é improvável que algum autor consiga se desligar por completo do calendário e da Geografia, pois ambos sempre encontram-se implícitos. Como o próprio gosta de se denominar a si mesmo um “contador de histórias”, *O Tempo e o Vento* narra a formação do Brasil contemporâneo em consonância com a formação da sociedade sul-rio-grandense, a partir da constituição e continuidade de um núcleo familiar.

Ao explorar as obras literárias, o historiador busca gerar novas interpretações do passado. Nessa perspectiva, o trabalho busca esse olhar histórico nas literaturas históricas rio-grandense, essas que têm sua vertente principal na Revolução Farroupilha (1835-1845)², uma vez que é através dela que nasce o gaúcho literário, que são reivindicadas as particularidades e diferenças deste, fundamentado em um ego fortíssimo, territorial e individualista – vertente que se inicia fortemente na poesia no século XIX, e que culmina na construções de romances históricos no século XX.(CHAGUARI.2015)

² A Revolução Farroupilha foi a mais longa guerra civil da história brasileira, durando de 1835 até 1845. Foram dez anos de batalhas entre Imperialistas e Republicanos, os primeiros defendiam a manutenção do império e os segundos lutavam pela proclamação da república brasileira. Por muito tempo, na historiografia vou visto como uma epopeia do povo gaúcho e sua idealização de povo guerreiro e libertário. PESAVENTO, Sandra Jatahy. **A Revolução farroupilha**. Ed Brasiliense.

Sousa (2013:106) afirma que esse período é marcado por grandes mudanças em termos de estrutura política, social e ideológica, pois vê passar por conturbados momentos políticos, quais sejam, a instauração da República, a Revolução de 30³ e o golpe do Estado Novo.⁴ Esse último, fortemente marcado pela criação de um projeto que integrasse uma “verdadeira” identidade brasileira, ficou conhecido por sua grande repressão a culturas que não se encaixassem na proposta defendida de nação, e por um controle e repressão a todas as mídias comunicativas como forma de afirmar e sustentar o governo, ou seja, auxiliando na construção de um sentimento nacional e de integridade.

Além disso, o país naquele período passa por um importante processo de industrialização, que procura introduzir o país nos modelos econômicos voltados ao capitalismo. Contudo, essa alteração não altera a organização agrária do país, acentuando as diferenças entre o campo e a cidade e causando um maior desnível econômico e social. Podemos visualizar na literatura as primeiras denúncias desse modelo através da criação de romances com forte cunho social humanista, idealizados primeiramente na literatura nordestina. Logo, as criações literárias passam de forma geral a estar associadas às suas inquietação ideológicas voltadas aos grandes contrastes da época e à problematização dos equívocos da organização social.

“Desde o decênio de 1930 tinha havido mudança de orientação, sobretudo na ficção regionalista, que pode ser tomada como termômetro, dadas a sua generalidade e persistência. Ela abandona, então, a amenidade e curiosidade, pressentindo ou percebendo o que havia de mascaramento no encanto pitoresco, ou no cavalheirismo ornamental, com que antes se abordava o homem rústico. Não é falso dizer que, sob este aspecto, o romance adquiriu uma força desmistificadora que precede a tomada de consciência dos economistas e políticos (CANDIDO.1989:141).

³ Movimento contra a república velha e suas eleições fraudulentas. Políticos da Aliança Liberal que era apoiado pelos militares dissidentes, que em 03 de outubro de 1930 começam o ataque á vários quartéis do exército de todo território brasileiro impedindo a posse de Júlio Prestes em 24 de outubro do mesmo ano assumindo o poder uma junta militar. No dia 03 de novembro Getúlio Vargas, assume como chefe do governo provisório. MACHADO, J.S. **Getúlio Romance**. 3ed .BestBolso, Rio de Janeiro.2011.

⁴ Regime autoritário implantado com o golpe de novembro de 1937, Getúlio Vargas revigorou propostas em pauta desde outubro de 1930, quando, pelas armas, e apoio dos militares assumiu a presidência da República. Vargas cercou-se de poderes excepcionais, liberdades civis foram suspensas, o Parlamento dissolvido, os partidos políticos extintos e, o comunismo transformou-se no inimigo público, e um projeto de estado nação passou a ser desenvolvido. Ver PANDOLFI, D, Repensando o Estado Novo. Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas, 1999. 345 p.

Portanto, grande parte dos romances produzidos na década de 1930 é composta desde uma perspectiva crítica da sociedade em uma visão social, sendo descendentes de uma conflagração ideológica e estética difundida pelo modernismo que, no Brasil, desponta a partir de 1922. São fortemente marcados pela demarcação e reconhecimento do espaço brasileiro e pela denúncia política. (SILVA.2010)

Erico Verissimo deixa Cruz Alta, sua cidade natal, em 1930, e muda-se para Porto Alegre onde, ainda no ano de 1931, começa trabalhar na editora o Globo, que no ano seguinte publica o primeiro texto de sua autoria, chamado *Fantoches*, e no ano de 1933 publica *Clarissa*. O autor segue na editora e, no ano de 1935, publica *Caminhos Cruzado*, livro que lhe rende um chamado para depor na polícia sobre sua posição política, pois o texto parecia ter um cunho comunista. Verissimo nega a acusação. Nos anos seguintes publica *Música ao longe* (1935), *Um lugar ao sol* (1936), *A vida de Joana D'Arc* (1935) e *Olhai os lírios do Campo* (1937), além de diversos livros dedicados ao público infanto-juvenil. Em 1937, apresenta na rádio Farroupilha um programa voltado para crianças, mas resolve encerrá-lo quando é informado de que o mesmo irá passar pela censura do Estado Novo. Já no ano de 1940 sai o livro *Saga*, e no ano seguinte faz sua primeira viagem aos EUA. A pedido do secretário americano, Cordell Hull, passa três meses no país, período que rende um livro de viagens chamado *Gato Preto em Campo de Neve*. Três anos depois recebe um outro convite para voltar ao país americano pelo Departamento de Estado, dessa vez para lecionar na Universidade da Califórnia. Volta ao Brasil no ano de 1946, e publica *A Volta do Gato Preto*. E, nessa volta, inicia o seu projeto de *O Tempo e o Vento*. (SOUSA, 2013:100-101)

O Rio Grande do Sul também sofre as consequências das mudanças políticas e intelectuais, e uma espécie de culminância desse processo se dá com a publicação de *O Tempo e o Vento*, em 1949. A obra se apresenta como uma construção literária da formação do Rio Grande do Sul através dos dramas familiares dos Terras Cambarás. Como dito pelo próprio autor, “o corte transversal duma sociedade”. A obra, além de um grande apogeu gaúcho, é considerada marco da literatura brasileira. O enredo está distribuído em três volumes publicados em três décadas diferentes, trabalhando quase trezentos anos de história, do final do século XVII ao começo do XX. “O Continente” (1949), “O Retrato” (1951) e “O Arquipélago” (1961), narram a formação do continente

de São Pedro em um território considerado mítico até a era Vargas, totalmente influenciada, esta, pelo Estado moderno.

Flávio Loureiro Chaves (1976) afirma que o escritor Erico Verissimo representa um dos mais importantes escritores do modernismo brasileiro, pela amplitude e qualidade de sua perspectiva. Representou importante instrumento local de formação de identidade em um momento de construção nacional. Suas obras literárias possuem um viés memorialístico de caráter auto-reflexivo, isto é, são romances que exploram sua própria ficcionalidade em uma realidade fundamentada em valores do narrador do romance. O escritor, ainda, trabalharia como observador do mundo oferecido, e a partir do realismo⁵ encontra o eixo da sua metodologia narrativa. Verissimo inicia seus escritos em uma experiência de observação da sociedade através dos hábitos e costumes de uma burguesia em ascensão e de um patriarcado rural gaúcho tentando manter-se firme, focando assim em desenvolver, em termos literários, uma espécie de história do tempo presente.

No entanto, ao longo de sua construção literária, o escritor desenvolve uma análise do indivíduo e de sua “carência de liberdade individual”, ou seja, de seus sacrifícios para manter-se no mecanismo social em uma sociedade degradada. Lucas (2006) descreve que grande parte das obras de Verissimo é formada de romances realistas nos quais “destina-se em grande parte negar a moral de classe e afirmar o direito de todos à justiça e felicidade”(18 p.)

Erico Verissimo é um autor conhecido por descrever com fidelidade o real, não apenas pela sua escrita detalhada, mas pela elaboração na criação de seus personagens, ou seja, sua gênese ou antecedentes. As raízes sociais e a função que os mesmos desempenham na coletividade são constantes na sua escrita.

Ao longo de seu trabalho, é notável sua preocupação em afirmar o direito às individualidades e liberdades do homem. Sendo assim, o cunho humanista de sua obra vai-se afirmando e fortalecendo. Em uma entrevista ao jornal Correio do Povo em 1970, Verissimo expõe as seguintes colocações:

⁵ O realismo foi um movimento artístico e cultural, onde retratou-se temas sociais a partir da realidade do ser humano com objetividade. Motivados pelas teorias científicas e filosóficas da época, os escritores realistas empenharam-se em retratar o homem e a sociedade em conjunto. Disponível em: <http://lutano.no.comunidades.net/literatura-brasileira> Acesso em: 29. maio. 2017

“A estória é um veículo e também pode ser, em si mesma, um comentário social.(...) Acho que o que importa num livro (estamos falando de ficção) é comunicar ao leitor o drama de outros homens, dar-lhe elementos para olhar de um ângulo “diferente” a vidada humanidade”(DINORAH.1997:36-37 grifo autor)

Através de suas obras literárias, Erico constrói uma denúncia contra a violência sobre o homem e, assim, problematiza o sentido histórico de o que significa ser livre. Para isso, ele compõe sua ficção a partir do corte instaurado entre sociedade e social, ou seja, “de um lado a sociedade reificada (a engrenagem e o seu código), de outro as verdadeiras relações sociais (isto é, humanas)” (CHAVES:1976:74), e partir disso , procura restaurar esse vínculo perdido. Pode-se afirmar que o autor se identifica e buscou trabalhar com o humanismo liberal, que culmina em *O Continente de O tempo e o Vento*.

Essa obra é arquitetada sobre as tradições e particularidades da formação de uma família, com uma história focada em questões de cunho moral que regem a sociedade estudada, quer dizer, a desagregação de uma sociedade direcionada no tempo, ao longo de uma perspectiva histórica que equivale à da formação do Rio Grande do Sul. Nesse sentido, o livro é, em geral, considerado pela crítica o ponto mais alto das criações literárias de Erico Verissimo, representando uma releitura crítica da história em torno de sua desmitificação. É tida, também, como um exemplo de ponto de equilíbrio entra a elaboração estética e a intervenção social na literatura (RODRIGUES:2006).

A historiadora Mara Cristina de Matos Rodrigues escreve que a história começa seu desenvolvimento em duas linhas paralelas, a formação de uma família, os Terra Cambará, e a sociedade gaúcha. A autora declara que ao final dos dois volumes ocorre uma centralização e um entrelaçamento dessas duas linhas narrativas, ou seja, a história da família se funde com a história política do Rio Grande do Sul e do Brasil. Para a autora, os personagens começam a ter posição de maior autoridade, no caso, de “heróis anônimos” a história toma um rumo onde a centralidade dos personagens estão ligada a posições de poder na sociedade , ou seja, a estrutura narrativa, portanto, modifica-se de acordo com o período histórico abordado (2006:295).

Já Regina Zilberman, estudiosa da literatura e da obra de Erico Verissimo, sublinha que o texto tem a capacidade “de articular passado e presente, unindo figuras

míticas e históricas , para refletir sobre a atualidade e tomar posição diante dela” (2000:34).

Donizeth Santos (2014) destaca que Erico alcança na obra em tela uma maturidade nas técnicas de sua escrita, que vinham sendo elaboradas ao longo de seus romances, ou seja, o uso harmônico dos jogos de tempo aliados com a metaficção⁶ , às quais acrescenta a saga familiar. A partir desses métodos narrativos, o escritor obtém o alcance do equilíbrio ético e estético que se transforma nesse fenômeno literário.

A utilização das técnicas de contraponto presentes na trilogia se dá a partir de dois tempos históricos, um diacrônico e outro sincrônico. Dessa forma, conseguimos entender o presente através do passado, além do que esse procedimento permite ao escritor inserir outras pequenas histórias na contraposição da história oficial. Já a polifonia, que é articulada por um narrador que possui uma plenitude de visão sobre o espaço dos personagens, possibilita ao autor introduzir no tecido narrativo vozes que podem questionar ou desmentir a história, e assim oferecer outras versões dos fatos históricos.

Chaves (1976) expõe que Verissimo, ao arquitetar o Continente, escreve sobre o percurso do homem depois da ruptura do universo mítico, onde suas principais preocupações são as de entender a ação e destino do homem nesse novo mundo histórico, isto é, social. “Tempo e sociedade são, ainda aqui, as categorias essências do romance.”(p.84)

A vida humana, suas angústias, valores, anseios, sua personalidade, são um marco forte na formação dos personagens arquitetados por Verissimo. Tais criações fictícias são o ponto chave para o entendimento da narrativa. Ou seja:

“Por intermédio dos personagens , o leitor irá tecendo um sistema de ideias capazes de conduzir a um conceito a respeito da visão de mundo que o autor procura transmitir(...). Antes se envolve na História e traz explícitos os marcos da época , os sinais de conflito.” (LUCAS.2006:20).

⁶ “Discurso narrativo de ficção que faz uma reflexão sobre o processo narrativo ou a construção da narração.” Disponível em:
<https://www.infopedia.pt/dicionarios/linguaportuguesa/metafic%C3%A7%C3%A3o>. Acesso em: 20 maio.20178

Para isso, Verissimo utiliza-se de técnicas de redução, quer dizer, diante da imensidão do mundo é muito mais fácil representar o tempo social e valores sociais em escalas menores, e para isso fez uso do espaço doméstico de uma só família. Além disso, Chaves também afirma que:

“ Tudo que Verissimo capta da dinâmica histórica se assimila à natureza fictícia da obra que constrói. Importa, aqui mais o ‘processo’ do que o ‘fato’, o ‘mecanismo’ mais do que a ‘natureza’ ou ‘conteúdo’ dos acontecimentos(...) O Continente não está na divisão entre personagens históricas ou imaginárias mas numa clara dialética entre o transitório e o permanente.”(1976:85)

Como já argumentado, *O Tempo e o Vento* marca o ponto alto do amadurecimento literário de Erico Verissimo, e, considerando-se que o livro nasce no ventre modernista, desponta pela sua popularidade e amplitude artística e estética como relevante obra literária influenciando os contornos da identidade rio-grandense e brasileira. Além disso, como no caso de qualquer outro escritor, a obra de Verissimo é carregada de valores, implícitos ou explícitos – e também constrói um ideal de sociedade. Seus personagens podem apresentar um universo interpretativo sobre os olhares e idealizações de uma determinada época. Por isso é importante considerarmos as relações e observações feitas sobre o universo feminino nas obras de Erico Verissimo.

2.2 Literatura, Verissimo, Mulheres.

A produção literária de Erico Verissimo, como já observamos, transcende gerações, e cada uma delas realiza leituras e interpretações de forma diferente, uma vez que cada momento histórico traz consigo os valores sociais e culturais. O mundo intelectual e acadêmico, que há décadas se debruça sobre essa produção, seja por sua importância literária, intelectual ou histórica, igualmente produziu diversas leituras, feitas a partir de diferentes abordagens. Pode-se afirmar, no entanto, que é bastante perceptível o fato de que muitas pesquisas foram realizadas sob a ótica de que o livro em estudo – *O Tempo e o Vento* - é elaborado através de uma dialética entre os universos femininos e masculinos, estabelecendo uma espécie de padrão de leitura.

No ano de 1974, Mozart Pereira Soares publica *A Mulher na Obra de Erico Verissimo*: o autor escreve que a presença das mulheres, na grande maioria das vezes, aparece com mais peso e importância que a dos homens, além de as mulheres

apresentarem maior caráter que os homens na obra. Mozart, no prefácio de seu livro, salienta que as mulheres, na obra, ocupam uma posição central e até mesmo dominante.

Em sua tese de 2011, Evelin Leite Kantorski analisa as representações das mulheres nos romances urbanos de Erico Verissimo da década de 30. Para a estudiosa, o autor tem a sensibilidade de desenvolver mulheres batalhadoras, inconformadas e fortes, todavia, totalmente dependentes do seu tempo. Para ela suas protagonistas fazem, sob um olhar atual, com que percebamos as injustiças sociais da época.

Já Leila Almeida, no livro *A Sombra e a Chama: as mulheres de O Tempo e o Vento*, trabalha a análise dos corpos femininos. Para ela existem duas divisões no livro, o corpo digno e o corpo indigno. Para a estudiosa, o corpo digno é aquele feminino aceito, que condiz com os valores e hábitos locais, o corpo respeitável para uma futura mãe, enquanto o indigno diz respeito às mulheres que na escrita aparecem com um certo desviante social, e que não condizem com as crenças morais da época. Ou seja, a divisão do corpo feminino aparece como um “corpo materno , digno, e corpo prostituto, indigno”, ou dignas esposas e indignas amásias.

Além disso, a autora relata que :

“A fortuna crítica de *O Tempo e o Vento* insiste em que na obra há um território do que é masculino e um território que realça o que é feminino. Ambos determinam espaço e funções sexuais rigidamente antagônicos , o que asseguraria, ao nosso ver, um fundamento ideológico para a manutenção da família patriarcal , que vê a mulher como elemento meramente reprodutor cuja única função é a maternidade.” (p.24)

No entanto, existe um consenso da crítica no sentido de ver a figura da mulher, no texto de Verissimo, como o “guardião-mor da saga familiar” na organização social. E isto, de fato, aparece com importância e relevância na edificação da obra; ademais, as figuras femininas também aparecem como detentoras de grande poder e força, características que as tornam carregadas de significados no seu universo ficcional.

Aida Kuri Sousa (2005) disserta que nos primeiros anos da literatura brasileira a mulher apenas era descrita pelos seus traços físicos, e com o passar dos anos foram exteriorizadas como deusas e seres que vieram ao mundo para completar e amar aos

homens. No entanto, aos poucos a mulher passa a ser reconhecida para além de sua romantização, para serem vistas como pessoas com ideias e vontades próprias. Algumas começam a ter voz e até ganham papéis importantes e de protagonismo. Para a autora, a literatura acompanha o avanço de uma maior representatividade e emancipação do mundo feminino.

Além disso, destaca a autora que se pode dizer que a literatura, ao retratar realidades, inclusive as diferenças e desigualdades entre gêneros, através da linguagem, consegue tanto ativar uma mudança nas percepções de mundo como contribuir para a perpetuação de uma ideia. Descreve ainda em sua pesquisa que a língua está em constante metamorfose, acompanhando as mudanças da sociedade, além de estar inserida em uma dimensão social e de ser uma criação também social. Sublinha que na literatura brasileira os autores utilizam-se de personagens femininas para manifestar seus pensamentos nas vozes das personagens. Esses discursos apresentam muitas vezes uma fala ideológica ancorada em acontecimentos da vida real.

Em “Solo de Clarineta” (1973)⁷, Erico Verissimo expõe a seguinte reflexão:

creio que nesse lado da minha família as mulheres deram mais energéticas e moralmente corajosas que os homens. Isso talvez explique a presença em meus romances de personagens femininas de caráter forte como Olívia, Fernanda, Bibiana, Maria Valéria, e principalmente Ana Terra(p.32)

No entanto, Lia Scholze escreve que a representação da escrita da mulher acontece de acordo os discursos historicamente construídos, e que a criação do ser mulher acontece não pela biologia e sim pelas linguagens atribuídas a ela, portanto, quando observa as representações da literatura da mulher conclui que as mulheres que acabam tomando uma posição inovadora de resistência, entre outras, no final acabam sendo punidas com a solidão, com a autonegação, entre outras coisas, mantendo a ordem dos papéis destinados a elas na sociedade (2002:32).

⁷ É interessante afirmar a ligação e referência que o autor têm com as integrantes femininas da sua família e, sua proximidade com sua esposa. Em sua biografia e uma séries de entrevista concedidas pelo autor pode se visualizar que Erico Verissimo vê nas mulheres exemplo de moral e força. Podemos pegar como exemplo a passagem de uma entrevista concebida pelo autor em 1972 ao jornalista Jorge Andrade ao qual ele relata a separação de seus pais, “naquela noite, minha mãe resolveu abandonar meu pai, tentando salvar o que restava da família. Se levarmos em conta a época, o tamanho da cidade e a nossa posição na comunidade, a resolução dela era um ato de admirável coragem e moral”(p.87). Mesmo sem perder a admiração pelo pai, Erico Verissimo fica sempre ao lado da mãe, pois vê todo seu esforço no sustento da casa e educação de seus filhos. É notável sua admiração pelas mulheres que o cercam.

Como já destacamos, é notória a importância que *O Tempo e o Vento* representa na construção do imaginário gaúcho e brasileiro. A presença de personagens femininas com tamanho destaque é de extrema relevância para a escrita da mulher, pois o romancista inicia seus escritos na década de 1930, quando começam a surgir os primeiros movimentos emancipatórios da mulher no Brasil. Além do mais, seus dois primeiros volumes são concluídos ainda na década de 1940, momento em que se amplia a pauta do movimento feminista para além dos direitos políticos e civis, e em que acontece uma radicalização a partir da qual se começa a criticar a ordem patriarcal juntamente com a noção de construção dos papéis sociais de gênero (SILVA.2008).

Veríssimo, como um importante intelectual de sua época, com certeza sofre alguma influência desses movimentos, seja de forma positiva ou negativa de um ponto de vista feminista. O historiador, como já dito antes, precisa perceber como o autor lida e trabalha com tais aspectos, visto que as mulheres aparecem com grande destaque em suas obras.

Portanto, advogamos com respeito à literatura e aos estudos das relações de gênero, os escritos literários, como tanto outros instrumentos, fazem parte da construção e organização das percepções e afirmações históricas, quer dizer, sendo eles – também – um importante veículo de comunicação, contribuem para a criação de idealizações, percepções e perpetuações de ideias na sociedade. Portanto, as significações e a posição da mulher no campo social não fogem à regra. Logo, qual é a contribuição do texto literário *O Continente*, para com a figura da mulher, ou seja, é possível realizar-se uma leitura que veja obra uma contribuição pela busca da igualdade de gênero? Ela procura mostrar a mulher em busca de sua autonomia? De que forma o texto trabalha essas questões?

Diante disso, é importante ressaltar que este estudo historiográfico baseia-se nas teorias de que o:

sujeito deixasse de ser tomado como ponto de partida, mas que fosse considerado dinamicamente como efeito das determinações culturais, inserido em um campo de complexas relações sociais, sexuais e étnicas. Portanto, em se considerando os “estudos da mulher”, esta não deveria ser pensada como uma essência biológica pré-determinada, anterior à História, mas como uma identidade construída social e culturalmente no jogo das relações sociais e sexuais, pelas práticas disciplinadoras e pelos discursos/saberes instituintes (RAGO.1998:6).

Além disso, trabalha-se sobre a perspectiva descrita por Joan Scoot, que disserta sobre as definições de gênero:

o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder. As mudanças na organização das relações sociais correspondem sempre à mudança nas representações de poder, mas a direção da mudança não segue necessariamente um sentido único (1989:21. Grifo autor)

Portanto, procura-se entender o indivíduo através de suas construções sociais e históricas, e de como é constituído através dos discursos e práticas, ou seja, e ainda historicizar as identidades sexuais e o feminino pensado como uma construção das relações sociais, das práticas disciplinadoras e dos saberes e discursos instituintes que contribuem para essa organização e idealização.

Dito isso, o estudo busca entender que intermediação Erico Verissimo faz com o mundo social e histórico para estruturar suas personagens no cotidiano social sul-riograndense, como trabalha estereótipos populares no espaço de tempo analisado, e principalmente como trabalha as descontinuidades e críticas históricas na formatação do imaginário feminino, para assim conseguir entender que tipos do feminino estão construídos e imaginados no texto de *O Continente*.

3. O universo feminino de Erico Verissimo.

A literatura nos apresenta um leque de possibilidades interpretativas e sem dúvida sua leitura muda ao longo dos anos: um olhar atual sobre uma obra passada nos abre uma nova janela interpretativa. Portanto, assim como na literatura, o trabalho historiográfico não compreende verdades absolutas, e sim versões da verdade, e cada indivíduo retém as informações de forma diferente. A história trabalha com representações do mundo estudado, logo, estudar a figura da mulher dentro de uma obra literária requer entender quais são suas apropriações do mundo social que geram determinadas representações sobre os personagens femininos. Além disso, trabalha-se na perspectiva de que

em nosso mundo, onde muda a memória coletiva, onde o homem, o homem qualquer, diante da aceleração da história quer escapar da angústia de tornar-se órfão do passado, , onde os homens buscam apaixonadamente sua identidade, onde procura-se por toda parte inventariar e preservar os patrimônios, constituir bancos de dados, tanto para o passado para o presente, onde o homem apavorado procura dominar uma história que lhe parece escapar, quem melhor do que a História Nova pode lhe proporcionar informações e respostas? (LE GOFF, *apud* Borges:2009:249)

Dito isso, *O Continente* é constituído de personagens do sexo feminino de grande relevância, variando o tempo e espaço destinados a suas histórias. Muitas dessas personagens construíram um imaginário social a seu respeito, isto é, são popularmente conhecidas. Logo, é inegável declarar que os universos feminino e masculino estão bem desenhados e elucidados; o escritor repassa os territórios com bastante perspicácia a respeito dos valores e arquétipos regentes do tempo vivido de seus personagens (ALMEIDA:1996).

Chaves (1976) declara que o tema central em todos os livros produzidos por Verissimo é o de o ser humano no seu exercício de liberdade em uma conjunção estrutural rígida. Dessa maneira, são mulheres distintas entre si mas que carregam em si a função social dentro do contexto cultural em que elas estão inscritas.

Portanto, através de quatro personagens, Ana Terra, Bibiana, Maria Valéria e Luzia. o trabalho busca entender as interpretações e construções históricas produzidas por Verissimo em sua obra , tentando problematizá-las não por um viés vitimista, e sim como protagonistas com voz ativa no interior do texto, e desta forma entender a contribuição da obra no e para o universo feminista.

3.1 Ana Terra.

É interessante notar que a personagem feminina Ana Terra é uma das figuras fictícias mais conhecidas popularmente no Rio Grande do Sul, sendo que o capítulo Ana Terra rendeu inclusive publicação em volume separado. Sendo uma das protagonistas da trama construída por Erico, não faltam interpretações sobre ela. Sua figura é parte essencial para entender a composição do núcleo familiar Terra Cambará. Flavio Loureiro Chaves afirma que ela surge como uma presença física, mas sua raiz

permanece viva. Erico Verissimo reconhece que tentou construir a personagem dentro de um padrão de “arquetipo universalizante”. Além disso, sobre os arquetipos femininos no percurso histórico da obra, para ele a criação de personagens como Ana surgem como modo de preservação de uma escala de valores do universo primitivo de Santa Fé (a cidade ficcional onde se passa a maior parte da narrativa), antes da corrupção dos Terras Cambarás, entendendo o surgimento dessas mulheres como personagens baseados em crenças de moral intacta (Chaves.1976).

Adentramos, assim, o universo de Ana, que vivia em um território onde era praticamente insignificante a influência do tempo moderno. Vivia-se sem a intervenção do relógio e da escrita, e seu universo era regido pela monótona vida em um rancho distante da civilização, que poucas vezes recebia alguma visita de viajantes ou officias que passavam por aqueles campos. Seu mundo era envolto pelas figuras de seu pai, seus dois irmãos e sua mãe, os quais levavam uma vida de mera subsistência.

Naquela casa nunca entrava nenhuma alegria, nunca se ouvia uma música, e ninguém pensava em divertimento. Era só trabalhar o quanto dava o dia. E a noite- dizia Maneco - tinha sido feita para dormir. (CI:79)

As mulheres da família Terra submetiam-se ao meio em que viviam, onde poucos horizontes se abriam. No entanto, em silêncio, atormentavam-se com seus desejos.

tinha vinte e cinco anos e ainda esperava casar. Não que sentisse muita falta de homem, mas acontecia que casando poderia ter alguma esperança de sair daquele cafundó, ir morar no Rio Pardo, em Viamão ou até mesmo voltar para a Capitania de São Paulo, onde nascera. Ali na estância a vida era triste e dura.(CI:73)

A chegada Pedro Missioneiro rompe a inalterabilidade da vida dos Terras, e consequentemente estimula desejos adormecidos na vida de Ana Terra. Pedro representa um impulso para uma nova existência ainda desconhecida no espaço e sociedade que Ana Terra conhece.

Ana estava inquieta. No fundo ela bem sabia o que era, mais envergonhava-se de seus sentimentos. Queria pensar noutra coisa, mas não conseguia. (...)Sabia o que aquilo significava. Desde seus quinze anos a vida não tinha mais segredos para ela. Muitas noites quando perdia o sono, ficava pensando em como seria a sensação de ser abraçada, beijada, penetrada por um homem. Sabia que esses eram pensamentos indecentes que precisava evitar.(p.95)

Sendo o comportamento humano norteado por valores culturais, religiosos, políticos e econômicos, a sexualidade humana não foge à regra, ela é regida por intensas mudanças que influenciam a forma de ver e agir perante o ato sexual. Os desejos da personagem em questão afloram e, no entanto, ela os vê como algo errado e pecaminoso, pois o corpo da mulher era visto apenas como reprodutor e a obtenção do prazer sexual era entendida como perversão.

Apesar disso, a protagonista terá êxito em experimentar os prazeres carnavais com o forasteiro, como descrito na seguinte passagem:

E no dia em que pela primeira vez ela sentiu toda plenitude o prazer do amor, foi como se um terremoto tivesse sacudido o mundo. Voltou para casa meio no ar, feliz, como quem acaba de Descobrir uma Salamanca.(CI:103)

Ana Terra irá conhecer a plenitude do prazer, porém suas atitudes não deixarão de gerar consequências na vida da personagem. Ana engravida e, em seguida, perde o amado Pedro Missioneiro, que é assassinado por seus irmãos em nome da honra familiar - em razão de que a honra, para a mulher solteira, era sinônimo de virgindade (posteriormente, quando casada, ela se apresentava revestida de fidelidade ao marido, presa às normas sexuais impostas à esposa pelo matrimônio).

Logo, é significativo analisar na obra o nascimento do índio Pedro Missioneiro, visto que esse nascimento acontece junto a um grande tormento do corpo feminino, ou seja, quando sua mãe, uma índia, carregando um filho de bandeirantes consegue chegar às reduções jesuíticas, dando à luz e falecendo logo em seguida. Pedro, juntamente com Ana Terra, é um dos personagens que iniciam a linhagem produzida pelo escritor. Pedro nasce de um sacrifício feminino.

Além disso, percebe-se uma visão virtuosa sobre a maternidade, como por exemplo quando Ana Terra anuncia a gestação para seu companheiro. Pedro, um índio, enaltece o sagrado na sua gravidez: coloca a mão sobre o ventre de Ana Terra e fala:

_Rosa mística

Ana franziu a testa.

— Quê?

— Rosa mística

— Que é isso?

— Nossa Senhora, mãe do Menino Jesus.(CI:104)

Considerando que Pedro Missioneiro e Ana Terra surgem como um mito fundador na trama de Erico Verissimo, o primeiro herdeiro dessa família aparece como um ser imaculado - herança de grandes sacrifícios. É possível também sobre a decisão de Pedro, que escolhe permanecer na propriedade dos Terras mesmo sabendo que iria ser assassinado. Nesse sentido, o sacrifício aparece como uma proteção a Ana e seu filho. Lembremos que nas passagens que apresentam Pedro ainda criança, ele visualiza sua mãe como Nossa senhora⁸, ou seja, a mãe é vista como algo divino, que protege, e como algo puro, que se resigna ao sofrimento sem questionar as suas causas.

Outra passagem em que se pode analisar a construção do personagem é no momento em que, após muito tempo, com o filho já crescido e ainda sendo totalmente ignorada pelos homens da casa, Ana sofre um ataque direto de seu irmão Antônio, que sarcasticamente pede que ela não deite com os recém-escravos adquiridos. Ela enfrenta seu irmão e despeja sobre ele toda a sua raiva

Ana estacou de repente no meio da sala, de cabeça alçada, olhos fuzilando, como uma cobra pronta pra dar o bote. Olhou firme para o irmão e cuspiu a palavra que havia muito recalcava:

— Assassino!

Antônio ergueu-se num prisco.

— Cobardes! — exclamou Ana, olhando também para os outros homens

— Mataram Pedro — Desabafou ela. — Assassinos!

— Cala essa boca pelo amor de Deus! — implorou D. Henriqueta.

Antônio estava pálido.

— Tu e o Horácio — Gritava Ana, espumando na comissura dos lábios — Dois contra um, cobardes!

⁸ Vejamos a conversa entre o menino Pedro e um padre jesuíta ;
—Olha aqui, Pedro. Presta atenção. A alma de tua mãe, cujo o corpo esta enterrado no cemitério, desce do... céu?
— Desce
— Todos os dias
—Todos.
—Vem... junto com Nossa Senhora ?
Pedro sorriu e ergueu as sobrancelhas nun espanto .
—Mas ela é Nossa Senhora !
—Quem?
— Minha Mãe.(CI:48)

Horácio estava de cabeça baixa. Antônio deu alguns passos e ergueu a mão para bater na irmã. Mas a mãe se precipitou para ele e se dependurou no braço.

— Não Antônio! Isso não!

Maneco Terra fumava em silêncio, olhando fixamente para seu prato vazio, como se nada visse ou ouvisse.

— Assassinos! — repetiu Ana. — Todos deviam estar era na cadeia com os outros bandidos! (CI:113)

Esse trecho é um retrato do período vivido e das relações presentes nesse momento. Ana Terra coloca em suas palavras todo o silêncio, dores e agonias sentidas. Acusar diretamente seus familiares, mesmo que com toda a razão, era considerado algo inadmissível, até porque o assassinato de Pedro Missioneiro se deu pela recuperação da honra familiar, que na grande maioria das vezes era resolvida com sangue.

É conveniente destacar que as mulheres nessa passagem revelam protagonismo, e os homens permanecem calados. Ana esbraveja sua revolta acumulada e, quando Antônio tenta revidar, sua mãe o impede. Maneco, o chefe da família, apenas olha o vazio do prato como se estivesse sendo forçado a reelaborar seus sentimentos, quem sabe até remorso. Considera-se esse momento importante quando destacamos a crença de que a personagem de Ana Terra surge como sinônimo de força, moralidade e protagonismo. O enfrentamento em relação aos irmãos e pais demonstra uma mulher forte e determinada na trama.

Podemos recorrer a outro exemplo, o momento em que Ana, após todo o sofrimento que viveu com o assassinato de Pedro Missioneiro, e a indiferença de parte de seus familiares, escolhe enfrentar a chegada dos castelhanos em suas terras para tentar salvar a vida de seu filho, Pedrinho, juntamente com sua cunhada e sobrinha, em um evento que culmina com a morte de seus dois irmãos e do pai. Ela, além disso, é estuprada por vários homens. E, no momento do ataque, é Ana quem decide ficar e ajudar os irmãos e o pai:

Ao verem Ana entrar, interromperam a conversa, e foi com uma irritação nervosa que o velho perguntou:

— Por que não foi pro mato?

Ana não respondeu.

— Corra, Ana! — exclamou Antônio, agarrando o braço da irmã e tentando arrastá-la para fora. Mas ela resistiu, desvencilhando-se dele e disse:

— Se eu me escondo eles nos procuram no mato, porque logo vão ver pelas roupas do baú que tem mulher em casa. Se eu fico, eles pensam que sou a única e assim a Eulália e as crianças se salvam.

— E vosmecê sabe o que pode lê acontecer? — perguntou-lhe o pai.

Ana sacudiu lentamente a cabeça. Maneco encolheu os ombros e deixou escapar um suspiro.(CI:120)

A escolha dela em ficar e se sacrificar, mesmo sabendo de toda consequência, constrói sobre o leitor um olhar de heroína a respeito de Ana, capaz de tudo pela sua família. A heroína que sofre e é castigada, e mesmo assim encontra-se firme e disposta, sem medo ou autocomiseração em renunciar à própria vida em prol dos outros e de seu filho. Ana Terra tem um pequeno momento de desabafo, no qual novamente se mostra resistente às feridas da vida e disposta a tudo por seu filho:

“Ana sentia-se animada, com vontade de viver. Sabia que por piores que fossem as coisas que estavam por vir, não podiam ser tão horríveis como as que já tinha sofrido.(...)Tinha dentro de si um vazio: sabia que nunca mais teria vontade de rir ou chorar. Queria viver, isso queria, em grande parte por causa de Pedrinho, que afinal de contas não tinha pedido a ninguém para vir ao mundo.”(CI:127)

Após essa passagem, Ana Terra e Pedrinho mudam-se das terras de seus pais e ela se torna uma das fundadoras do fictício povoado de Santa Fé, onde acaba se tornando também a parteira da comunidade. Assim, Ana é fundadora da comunidade e também é fundadora do universo criado por Verissimo. Portanto, a função que lhe é dada na narrativa pode ser visto como metafórica, quer dizer, ela faz parte dos primeiros habitantes que irão constituir o estado do Rio Grande do Sul, e ela ajuda os próximos habitantes a fazerem parte desse chão. Seria pelas mãos de uma mulher forte, corajosa e determinada que nasceriam esses novas habitantes.

Ana nunca mais se casa - não tem interesse amoroso por outros homens e passa o resto de sua vida ajudando aos outros e zelando por seu filho. Consegue sair do lugar que parecia aprisioná-la e oprimi-la, mas leva consigo a herança da mãe. A velha roca de dona Henriqueta e a tesoura, que deu à luz Pedrinho e os outros habitantes de Santa Fé, permanecem com ela, como um símbolo da sina da mulher gaúcha.

Além disso, ponderamos sobre o olhar da personagem a respeito dos sentimento de bravura e de conquista que constroem o imaginário gaúcho:

Ana Terra sacudiu a cabeça lentamente , mas em compreender. Para que tanta Guerra ? Os homens se matavam e os campos ficavam desertos. Os meninos cresciam, faziam se homens e iam para outras guerras. Os estancieiros aumentavam suas estâncias. As Mulheres continuavam esperando.(CI:144)

Bem como, quando depois de alguns anos Ana recebe a notícia de que haverá guerra novamente, profere o seguinte comentário :”Isso é falta de serviço. Se esse homem tivesse de trabalhar como a gente, de sol a sol. Não iria lembra de invadir terra alheia.” (CI:151)

Logo, Ana aparece na obra com grande destaque, e sem dúvida arquitetada sobre arquétipos poderosos de força e moralidade. A personagem aparece na trama como quem mostra que a vida não era nada fácil naqueles campos, mas que havia pessoas como ela que sustentavam e protegiam aquele chão. É através de sua narrativa que ocorre a tentativa de desmascarar o glorioso passado rio-grandense. Por isso, acreditamos que a personagem produz um sentimento de que são mulheres como ela que constituíram as verdadeiras bases do estado e da nação, e que são esquecidas na história.

3.2 Bibiana Terra Cambará

Assim como Ana Terra. Bibiana Terra Cambará é umas das protagonistas de *O Tempo e o Vento* mais consagradas no imaginário gaúcho. A filha de Pedro Terra é apontada pelos estudiosos como uma continuidade dos ideais de moralidade e de crenças de sua avó paterna, Ana. “Depois que Ana morrera, Pedro às vezes tinha a impressão de que ela continuava a falar pela boca da neta. Bibiana repetia as frases da avó.”(CI:186)

É importante dizer que a personagem entra na trama ainda jovem, com 22 anos de idade, e vamos acompanhando toda a sua trajetória e amadurecimento - no entanto, suas características marcantes a acompanham ao longo de toda a trama. Conhecemos Bibiana pelos olhos do seu pai:

Pedro Terra às vezes se inquietava-se pensando no gênio da filha. Era voluntariosa, duma teimosia nunca vista, e dum orgulho tão grande que era capaz de morrer de fome e de sede só para não pedir favor aos outros. No entanto, quem olhasse para ela julgaria, pelo seu suave aspecto exterior, estar diante da criatura mais meiga e submissa do mundo.(CI:186)

Fábio Lucas (2006) descreve que umas das características da escrita de Erico Verissimo é herdada do realismo balzaquiano, ou seja, seus personagens são introduzidos e desenvolvidos em sua integralidade: perfis físicos bem definidos, hábitos e éticas singulares. Nota-se que Verissimo descreve Bibiana com adjetivos intensos e dota-a de uma personalidade valente.

Teimosia é uma característica extremamente marcante na família Terra – característica que, no contexto da obra, pode ser lida como sinônimo de perseverança e decisão. Bibiana aparece na trama de forma decidida em questões de seu interesse: primeiramente, ela recusa o “par ideal” - o rico e poderoso Bento Amaral, e escolhe o forasteiro Rodrigo Cambará. Vejamos no texto o momento que o padre local vai falar com o pai de Bibiana sobre o possível casamento com o Capitão Rodrigo. Pedro Terra pergunta à filha:

— E vosmecê não sabe — continuo o pai— que esse homem não tem nada de seu a não ser um cavalo, um violão e uma espada?... Que esse homem não tem nenhum ofício e nenhuma serventia? Não vê que vosmecê pode ser infeliz com ele, sempre com medo que ele possa abandonar a casa duma hora pra outra, e ir pra alguma aventura ou seguir outra mulher? Não sabe?

— Sei

— E assim mesmo quer casar com ele ?

— Se ele quiser, eu quero.(CI:250)

Bibiana apresenta enorme determinação e intensidade em sua paixão pelo Capitão Rodrigo – paixão que irá durar até o final de sua vida. Em sua vida de casada, e em nome no que seria um amor demasiado, Bibiana vive em plena submissão e resignação ao marido e seu modo de vida. A personagem passa por grandes dificuldades relacionadas à personalidade sedutora e aventureira do marido, que representa amar a esposa, porém não consegue largar a vida de jogatinas e libertinagem. Pois para ela “o destino das mulheres da família era fiar, chorar e esperar.”(CI:257)

Além disso:

Era esquisito— refletia Bibiana — mas ela não tinha propriamente ciúmes do marido . Sabia que ele gostava era de mulher, que não se contentava com uma só . Mais cedo ou mais tarde havia de ficar também cansado de Honorina e passaria para outra. O melhor que tinha para fazer era fingir que não sabia de nada. Contando que ele não fosse embora, que ela pudesse tê-lo a seu lado— contatando que ele continuasse a ser seu marido , tudo estava bem. E pensando nessas coisas, Bibiana pedalava a roca e fiava(...) Seus pensamentos , voltavam sempre para o marido . Não podia esquecê-lo quando ele estava ausente. Aquilo era um vício(CI:269)

Portanto, no começo da trama a figura de Bibiana era transfigurada pelo amor que tinha pelo seu marido. Logo, resignada, não se incomodava em viver em função dele e do filho, sendo que ainda trabalhava, quando necessário, no comércio da família – negócio abandonado por Rodrigo. No entanto, o perfil da personagem começa a ter contornos mais duros após a morte do marido. Bibiana torna-se viúva cedo e no dia dos finados visita o tumulo da marido:

quando o dia dos finados chegou , Bibiana foi pela manhã ao cemitério com os dois filhos . estava toda de preto e agora , passado o desespero dos primeiros tempos, sentia grande tranquilidade. Ficou muito tempo sentada a sepultura do marido , enquanto Bolivar e Leonor brincavam correndo por entre as cruces ou então se acocoravam e se punham a esmagar formigas com as pontas dos dedos. Mentalmente Bibiana conversava com Rodrigo, dizia-lhes coisas. Seus olhos estavam secos. As vezes parecia que ela toda estava seca por dentro, incapaz de qualquer sentimento. No entanto a vida continuava, e a guerra também. (...) Outra verdade poderosa era que tinha dois filhos e havia de criá los direito, nem que tivesse que sugar sangue e comer sopa de pedra.(CI:308-309)

Dessa forma, com Bibiana temos a evidência de uma cicatriz sentimental na concepção das personagens de O Tempo e o Vento. Advém um momento em que o sofrimento passa a ser banal e costumeiro, o que as impede de sofrer em demasia - por isso, tornam-se mulheres práticas e racionais. É o caso de Bibiana, que passa a ser uma grande conselheira e protetora de seus filhos, e grande protetora da honra de sua família também. Primeiramente, seu pai Pedro Terra perde sua casa para o forasteiro Aguinaldo Silva, em razão de dívidas. Bibiana sente e vive toda a dor de seus país perante o acontecimento, sabendo de todas as dificuldades que eles passaram para obter a casa. Sozinha, arquiteta a ideia para tomar seu chão de volta:

Sentada na cama, no quarto escuro, ela começou a pensar no Sobrado, nas suas árvores, em Luzia e em Bolívar. Tomar o Sobrado... Se Bolívar casasse com Luzia, ele ficava sendo o dono do Sobrado. Ela, Bibiana, iria viver com o filho, voltaria para seu chão... Aguinaldo estava velho não podia durar muito tempo... No princípio ia ser difícil viver com aquele corcunda, sob o mesmo teto. Mas a casa afinal de contas era grande, e sua posse valia todos os sacrifícios(...). Estava resolvido: ia tomar o Sobrado. Não de assalto, aos tiros, como o Cap. Rodrigo. Agora não havia nenhuma pressa. Era mulher... Tinha paciência, estava acostumada esperar..(CII:368)

Desta forma, consegue concretizar seu plano e aos poucos vai se tornando a grande matriarca do sobrado. A personagem representa ao mesmo tempo a continuação e a resistência ao universo criado pela sua avó Ana Terra. Torna-se uma mulher que procura preservar os costumes e valores que herdou de sua família e luta para sua continuidade, e vê com estranheza as novidades que aos poucos chegam à comunidade.

— Minha avó morava nun rancho perdido no meio do campo — disse Bibiana — iluminado de noite por uma lamparina de óleo de peixe feita de uma guampa. Não acho que mais luz ou menos luz possa fazer a pessoa mais feliz ou infeliz

— Essas invenções trazem mais conforto a vida— replicou Luzia.

— Vosmecê, D. Bibiana— disse Winter, descansando os talheres sobre a mesa— que um dia Santa Fé vai ser uma cidade, com muitas casas, lâmpões nas ruas, teatros, fábricas, e gente, muito mais gente que agora?

Bibiana, que olhava fixamente para o prato de médico, perguntou:

— Quer mais alguma coisa, doutor?

— Não, minha senhora, muito obrigado.

— pode tirar os pratos, Natália! — gritou a viúva de Cap. Rodrigo. E depois, entrelaçando as mãos e pousando-as sobre a mesa, olhou para Winter com seus olhos chineses e disse: — Já pensei, sim, doutor. Já pensei em todas essas coisas. Mas também pensei que quando Santa Fé ficar mais grande vai haver muito mais maldade, muito mais bandalheiras que agora. — Soltou um suspiro quase imperceptível. — Às vezes acho que até é melhor uma pessoa não ser instruída, não saber ler. Os livros estão cheios de porcarias e perversidades.(CII:415)

É perceptível que a personagem se mantém como a persistência dos valores morais dos primeiros habitantes do chão de Santa Fé. Bibiana não vê as novidades que surgem com o mundo moderno como algo indispensável e crucial para o desenvolvimento e conforto do ser humano: para ela a felicidade não está fundamentada

em coisas, e nesse sentido ela é uma crítica dessa ruptura, não no sentido de confortos modernos e sim no de que os mesmos rompiam o modo como ela entendia o comportamento humano.

O Dr. Winter, médico alemão que reside na comunidade de Santa Fé, ao falar da Bibiana expressa bem as melancolias vividas pelas mulheres locais e a importância que a mesma representa no livro.

Bibiana! Ali estava uma criatura de valor. Com umas duzentas matronas como aquela estaria garantido o futuro da província. Entretanto o destino das mulheres naquele fim de mundo era bem melancólico. Não tinham muito direito e arcavam com quase todas as responsabilidades. Sua missão era ter filhos, cria-los, tomar conta da casa, cozinhar, lavar, coser e esperar.(p.363)

Identifica-se que no texto de Verissimo mulheres como Bibiana são bastante valorizadas – mas que no entanto, fora da ficção, são impedidas de ter uma visibilidade e força maior pelo fardo que lhes é histórica e socialmente imposto. Essa crítica aparece com grande intensidade no livro: muitas vezes identifica-se uma vontade nas personagens femininas cuja realização, se lhes fosse dado algum crédito naquela sociedade, poderia trazer-lhes um futuro bem diferente – o que acaba se tornando, na escrita de Erico, um comentário social sobre a verdadeira realidade gaúcha.

Verissimo não procura santificar suas personagens: elas são acima de tudo, evidentemente, seres humanos que sofrem, julgam, tomam atitudes que lhes parecem ser o melhor, e isso as torna mais interessantes e potencialmente (mediante leitura) problematizadoras, pois cria um sentimento de ambiguidade diante delas. Nesse sentido, é intrigante analisar um trecho de uma conversa entre o Dr. Winter e o sobrinho de Bibiana, Florêncio:

— O que mantém aquela duas mulheres juntas naquela casa é a esperança que uma tem de que a outra morra primeiro.

— Não acredito, doutor, vosmecê me desculpa, mas não acredito.

— Por quê?

— Tia Bibiana não é capaz de umas coisas dessas.

Winter soltou uma risada seca e falsa.

— Sua tia é capaz de muita mais coisa do que você imagina. Ela odeia a nora com a mesma força que amava o filho.

— E a nora odeia ela! —retrucou Florêncio, como se estivesse num duelo de sabre e revidasse um golpe do adversário com outro golpe imediato e igualmente vigoroso.

— Exatamente!

—Mas eu não compreendo porque ela ainda continua no sobrado.

— Muito simples. Se ela deixa o Sobrado, perde o neto. Pense bem, Florêncio. Se Luzia morrer, o problema se resolve. Bibiana fica com o menino e com o Sobrado e pode assim governar os dois como bem entender.

Florêncio sacudia a cabeça com obstinação.

— Vosmecê está enganado. Tia Bibiana é uma mulher de bom coração.

—D. Bibiana é uma mulher prática . Aginaldo Silva tomou a terra do pai dela por meio dum hipoteca. Ela recuperou a terra por meio de um casamento. (CII:488)

Retomamos o momento em que seu pai relata que a filha aparenta ser pessoa doce e meiga por fora, mas que tinha um gênio fortíssimo que não transparecia. Portanto, Bibiana é de sua forma uma mulher batalhadora, que vai se utilizar de todos os meios para conseguir o que quer.

— A senhora é uma mulher que me agrada. Realista , positiva, Hein? Hein? De gente assim que vamos precisar quando vier a república , não é mesmo Curgo? Pois sua avó vai ser a primeira presidenta do estado do Rio Grande do Sul, Hein?(CII:598)

Essas são palavras ditas por um amigo íntimo de Licurgo, o advogado Dr. Toríbio, em um almoço no Sobrado. Dito isso, Bibiana Terra Cambará também surge na obra como uma mulher forte, batalhadora, que luta pelas seus objetivos, uma mãe dedicada e que ainda constitui o elemento de centralidade da família – é nela que se encontram os alicerces e a sabedoria de uma mulher considerada tipicamente gaúcha.

3.3 Maria Valéria Terra

Vejamos agora Maria Valéria filha, de Ondina e Florêncio Terra e sobrinha de Bibiana Terra Cambará. Uma personagem com características bem específicas distintas em relação a outras mulheres da obra, e que só aparentemente aparece como uma personagem secundária na trama. Solteira e sem filhos, Maria Valéria contradiz os

corriqueiros destinos das mulheres de sua época. A personagem surge cronologicamente em 1869 e permanece até o ano de 1945, com 85 anos de idade. Logo,

Advogamos aqui a idéia de que Maria Valéria, dentro do contexto do universo feminino do texto, apresenta-se como uma personagem transgressora, diferenciada, ao não cumprir nem com as leis do mundo da casa e nem com as leis do mundo da rua imposta às mulheres. A personagem Maria Valéria assume, por assim dizer, um caráter funcional, o de quebrar nexos, deslocar obviedades e desfazer certezas sobre o corpo feminino dentro de um texto, mostrando-o no que realmente a sua verdade: no seu avesso, no seu reverso, na sombra vaga do que parece óbvio sobre ele. (ALMEIDA.1996.pg.141)

Nessa perspectiva, analisando suas passagens nos primeiros dois volumes da obra, Maria Valéria aparece logo nas primeiras páginas em um momento de grande tensão, em meio à Revolução Federalista (1893-1895). O Sobrado, situacionista (“Pica-Pau”, em relação aos “Maragatos”), encontra-se sitiado, e sua irmã Alice está prestes a dar à luz o filho do então chefe da casa Licurgo Cambará. Maria Valéria, percebendo o perigo que a irmã e seu filho estão passando, reproduz o seguinte diálogo com o cunhado, em busca de ajuda e recursos para Alice:

— Acho que o senhor devia mandar buscar recursos.

Sua voz é firme e seca. E apesar de não lhe dividir bem os olhos na semi-obscuridade, Licurgo não tem coragem de encará-la.

— Recursos? Que Recursos? --- pergunta ele, olhando para o soalho.

— O Dr Winter está na cidade e pode vir com remédios. Mande um homem buscar ele.

— Não tem jeito.

— Tem, sim.

— Qual é?

— Peça trégua. Diga que sua mulher vai ter um filho. Os maragatos compreendem.

— Os maragatos são uns cobardes.

A resposta vem rápida e rascante:

— Não são. O senhor sabe que não são.

Licurgo fecha-se nun silêncio soturno. A cunhada prossegue:

— O senhor sabe que eles são tão bons e tão valentes como os republicanos. É a mesma gente, só com idéias diferentes.

— Que é que a senhora entende de idéais?__ vocifera Licurgo.

Maria Valéria continua imóvel.

— Não precisa gritar. O senhor faz todo esse barulho por que no fundo sabe que não esta procedendo direito. (CI:11)

É interessante perceber que a primeira aparição de Maria Valéria na obra acontece de modo a destacar sua personalidade. A personagem assume uma posição de grande ousadia em enfrentar Licurgo, patriarca local e personificação do gaúcho ideal, quer dizer, macho, guerreiro, livre. Maria Valéria se impõe para defender o que acredita ser o correto e compassivo no momento. Ademais, nessa passagem nota-se que não existe uma atitude de resignação perante o cunhado: Maria Valéria assume uma postura forte e direta, de modo que o diálogo apresenta apenas o incômodo de Licurgo as ser confrontado em suas certezas de hombridade.

Apresentamos os estudos realizados por Fábio Lucas , em obra onde o estudioso diz que o romancista explora uma “sociedade problemática”. Lucas baseia-se nos estudos do filósofo húngaro György Lukács, e nos apresenta as seguintes reflexões:

“ Se, numa sociedade degradada quer elege determinados valores e impõe uma ética que simplesmente impossibilita sejam os valores atingidos, o romance traduz um desejo irrealizável de totalidade, ele ao mesmo tempo afirma a existência da totalidade, ainda que disfarçada.”(LUCAS 2006:17)

Pode se pensar que Maria Valéria represente esse desejo de totalidade do autor, quer dizer, uma crítica aos valores morais daqueles homens que afundavam a sociedade e reprimiam a liberdade do individuo. A personagem acompanha a obra até os final dos sete tomos; ela é como uma sombra crítica continuamente constante na obra. Sua presença pode representar a sombra crítica da obra.

Nesse sentido, as passagens de conflito entre o universo de Maria Valéria e o de Licurgo Cambará persistem ao longo da obra. Em outra passagem novamente os princípios deste são confrontados. Ainda presos no sobrado da família com Alice sofrendo as consequências do parto e com um homem baleado que agonizava na casa, Maria Valéria pressiona o cunhado para que ceda às suas investidas de pedir uma trégua para ajudar os enfermos da casa. Ela argumenta:

— Já lhe disse mil vezes. Bote uma bandeira branca na frente de casa, peça uma trégua, diga que é pra salvar a vida de um cristão. Não. De dois. Chame Dr. Winter. Ele pode trazer remédios pra Alice e os petrechos para cortar a perna de Tinoco.

— Já lhe disse que não peço favor a maragato.

— Prefere deixar aquele coitado apodrecendo na dispensa?

— Não prefiro coisa nenhuma. Guerra é guerra.

Curgo grita mas não se sente muito seguro do que diz. E fica ainda mais furioso por ver que Maria Valéria está percebendo sua indecisão, sua luta de consciência

— O Tinoco está perdido — acrescenta, sem grande convicção — Não tem mais jeito, mesmo que cortem a perna dele.

— Quem foi que lhe disse? Faz dois dias que vassuncê nem entra na despensa.

— Tenho tido coisas mais importantes para fazer.

— Ouça o que lhe digo. Ainda há tempo de salvar o Tinoco.

— Milhares de homens têm morrido nesta revolução por causa de seus ideais. A vida duma pessoa não é tão importante assim. Há coisas mais sérias.

— O seu orgulho, por exemplo.

Licurgo Cambará ergue os olhos para a cunhada: seus maxilares inferiores se mexem sob a pele tostada que uma grossa barba negra recobre.

— Pois bem. O meu Orgulho. Eu respondo com meus atos. Se depois de terminado tudo isso eu fôr chamado perante um tribunal irei de consciência tranquila.

— Duvido

— Nunca fugi á responsabilidade — Diz ele, alteando a voz e falando num tom gutural, como estivesse engasgado..

— Só grita quem sabe que não tem razão.

— Não estou gritando. Posso falar como entendo porque estou na minha casa.

— Todo mundo sabe disso.

— É melhor a senhora ir calando a boca. Como chefe político tenho deveres que uma mulher não pode compreender.

Maria Valéria está pálida e seus lábios tremem um pouco quando ela diz:

— De política não entendo nem quero entender. Só sei que minha irmã está doente e precisa dum doutor e de remédio. Só isso que eu sei.(CI:163)

A figura de Maria Valéria irrompe na obra como uma figura de combate em termos de ideais e valores. A personagem tem a coragem de referir-se às fraquezas do cunhado, atual líder político local, quando aponta o orgulho de Licurgo e a falência moral de seu mundo. Em várias passagens do texto o autor insere a personagem e enfatiza o incômodo dos homens em sua presença.

Refletindo sobre a forma de escrita de Erico Verissimo, que coloca o problema em discussão no interior do próprio texto, temos esta passagem em que o Dr. Winter, médico na comunidade de Santa Fé, personagem bastante presente no livro e grande observador do sociedade local, faz as seguintes considerações sobre a personagem :

Sempre que a via, muito alta, tesa e esbelta , o rosto alongado, os grandes olhos negros um pouco saltados , o nariz longo e fino, a boca rasgada de expressão um tanto sardônica—ele não podia deixar de fazer uma comparação: ‘comprida e aguda como uma lança’. A própria voz de Maria Valéria tinha algo contundente. Em várias ocasiões, com intuito de conhece lá melhor, Winter procurara leva-la a confidências , pois suspeitava de que havia naquela criatura muito mais coisas do que seus gestos e palavras revelam. Não conseguira, entretanto, quebrar aquela espécie de armadura de gelo que envolvia a filha mais moça de Florêncio Terra. Aos vinte quatro anos Maria Valéria tinha mentalmente quase a idade de Bibiana.(CII,598-599)

Logo, é notável que Maria Valéria se manifesta na obra como uma figura intensa e portadora de racionalidade. A comparação que o médico faz com uma lança, algo que atravessa e ferre, pode representar a ideia de que Maria Valéria representa a presença crítica que os Terras Cambarás necessitam. Ela é a personagem que age pela razão, e que abdica dos prazeres da vida e do amor. Na sua juventude, seu pai Juvenal e sua tia Bibiana conversam sobre seu possíveis casamento e seus pretendentes.

Juvenal puxou uma baforada com gosto e, olhando intencionalmente para Maria Valéria murmurou:

—Eu sei dum um muço que vêm...

Os outros riram porque sabiam a quem ele se referia. José Lírio, o Liroca, andava perdido de amor por Maria Valéria, a qual tinha por ele invencível repulsa’(CII:600)

Maria Valéria não cede às investidas de Liroca, não aceita um casamento arranjado e ainda sofre um amor platônico pelo cunhado. “No seu orgulho irritava se

com isso, pois lhe sempre foi agradável a idéia de considerar se diferentes das outras moças que viviam preocupadas com essa bobagens de amor.” (CII:601)

Portanto, ela não se encaixa no perfil social comum de Santa Fé. É interessante como sua personificação tanto em termos de construção estética como de personalidade pode ser contrastada com a figura de sua irmã Alice, a “mulher ideal” - que passa a ser a mulher do patriarca do sobrado, Licurgo Cambará. Alice é a mulher que os homens desejam, calada, submissa dá à luz os herdeiros do marido.

Outro momento em que podemos perceber a personalidade marcante de Maria Valéria, juntamente com a diferença de perfil em relação a sua irmã Alice, é em uma fala de seu pai:

Florêncio olhava para Maria Valéria que ainda estava de pé na janela. Sentia pelos seus filhos profunda afeição, embora não soubesse manifesta-la em gestos e palavras de carinho. Admirava Maria Valéria: era ela quem, depois da morte da mãe, tomava conta da casa . Tinha coragem, bom senso e espirito prático; não se preocupava com vestidos ou enfeites, e não era dessas que viviam na frente do espelho, pensando em festa e namorados . Sabia fazer queijos, doces e pão; era uma cozinheira de primeira ordem e herdara as mãos habilidosas da mãe, sendo hoje talvez a melhor rendera de Santa fé.(..)Já Alice era diferente ... Florêncio sentia por ela uma afeição misturada de pena. Sempre achara menos independente e corajosa que a outra. Parecia ser dessas moças que precisam permanentemente de proteção , que nasceram para viver a sombra de um homem— pai , irmão ou marido.(CII:602)

Sendo assim , a personagem se mostra como sendo a base sólida da família. Ela é que é a firmeza e a coragem e a figura de comando dentro do Sobrado, mesmo não sendo a esposa do patriarca, local além de cuidar dos filhos de sua irmã - e estes nutrirem por ela uma afeição materna. Maria Valéria levanta-se como uma brecha no território feminino típico, pois, segunda Almeida, desobediência, teimosia e rispidez não combinam com as dignas esposas de Santa Fé.

Outro ponto relevante sobre a personagem é sua renúncia ao sexo e sua declarada antipatia aos homens⁹, características que parecem lhe abrir um leque de lucidez.

⁹ Uma das passagens em que podemos perceber sua aversão é “Maria Valéria contempla o cunhado com frio e ódio. Ele não hesitará em sacrificar toda aquela gente ao seu orgulho de macho. Homens! E de súbito ela sente vontade de cuspir. Homens! Botas emparradas, cheiro de suor, sarro de cigarro e cachaça,

“aspecto da deusa virgem é o da mulher que não pertence ou é ‘impenetrável’ ao homem, que não é afetada pela necessidade de um homem ou de ser aprovada por ele , que existe completamente separada dele , em seu próprio direito”(BOLEN apud ALMEIDA:1996:139)

Logo, a figura de Maria Valéria desperta uma sensação de superfície sólida, forte e lúcida. Mesmo não sendo uma das protagonistas da história, aparece como uma figura importante e vital para o enredo projetado por Erico Verissimo. Ela tem voz ativa e tem um posicionamento de enfrentamento em relação à ordem local, e surge como uma quebra de uma oligarquia social de Santa Fé e do Sobrado. Como uma pequena fisgada que incomoda e perguntamos “por que ela está aí”?

3.4 Luzia Silva Cambará

Certamente quando falamos em personagens que quebram a normalidade da ordem de Santa Fé, é obrigatório mencionarmos a figura de Luzia. Neta do forasteiro Aginaldo Silva e posteriormente esposa de Bolívar Cambará, que é filho de Bibiana Terra Cambará. Sua aparição na obra lhe rende um título do capítulo: “Teiniaguá”.

A Teiniaguá é uma lenda gaúcha que aparece na obra mais de uma vez com versões diferentes, e que remete à riqueza e à paixão. Luzia chega causando agitação em Santa Fé. “Luzia era rica, era bonita, tocava cítara— instrumento que pouca gente ou ninguém ali na vila jamais ouvira—sabia recitar versos , tinha bela caligrafia.” (CII.335)

Luzia não seria vista com bons olhos pelos moradores locais, pois representa o novo e traz consigo uma outra perspectiva de mundo, de uma classe social bem diferente da dos moradores locais, além de ter experiências e contato com o mundo moderno.

Ginia Gomes (2005) analisa em seus estudos a personagem Luzia, e para isso se baseia nos trabalhos de Henry James e de Jean Pouillon, que refletem sobre os processos literários , para ele temos tendência natural em concordar com o nosso

faca na cava do colete, revólver na cintura, escarro no chão. Machos! Aqueles homens nojentos lá em baixo , enrolados nos ponchos, cuspidos a casa toda , fazendo suas necessidades no porão(em cima, de certo, em cima da sepultura da menina), empestando o ar com seu hálito podre e lançando as mulheres seus olhares indecentes. Machos!”(CI:324-325)

refletor na história, ou seja, alguma mente humana convincente que nos oferece “refletores lúcidos”; logo, depositamos nossa confiança na veracidade do que é apontado por ele.

Nesse caso, Luzia nunca é narrada em primeira pessoa, ela é conhecida sempre pelos olhos de Bibiana e ou do Dr Winter, a primeira apresentando notável falta de empatia pela nora, e o médico manifestando por ele um forte desejo, sofrendo na tentativa de reprimi-lo. Leia Almeida, que analisa as mulheres de *O Tempo e o Vento*, trabalha a personagem como representando os princípios morais indignos do clã Terra Cambará:

Luzia o que parece é o fogo destruidor, como quer seu próprio nome e a lenda na qual seu perfil esta calcado. Luzia também uma forte, mas sua força ao contrário de Ana Terra e Bibiana, não tem a motivação na sublime função materna, e sim na sexualidade que seduz e aniquila Bolívar, uma sexualidade que vemos muito mais explicita no desejo do Dr. Winter e no ódio de Bibiana do que na conduta propriamente dita de Luzia (ALMEIDA.1996:74)

No entanto, Luzia é sedutora aos olhos de seus narradores. Ponderamos: será que a personagem tinha a intenção de instigar os personagens de forma libidinosa? Ou podemos pensar que a imagem que temos de Luzia está filtrada pela percepção que os moradores locais tinham dela? Ou, ainda, podemos pensar que a personagem, através de suas atitudes, só buscava ser dona de sua própria vontade.

É bastante perceptível que Luzia não se sente feliz - ela teve contato com um mudo distinto do de Santa fé, e por isso sua perspectiva de mundo certamente é bastante diferente daquela da população local, e sua insatisfação pode ser percebida na construção da narrativa de sua personagem. O seguinte trecho indica sua inquietação e saudades dos contatos culturais e da música que eram tão prazerosos para ela no passado.

— Recebi ontem os jornais de Porto Alegre — disse Luzia — o Doutor depois quer ler?

— Claro, quero ver que esta acontecendo por esse mundo velho.

Luzia pousou os cotovelos na mesa e uniu as mãos como se fosse rezar.

— Mas não é uma coisa horrível a vida que a gente leva aqui? — perguntou ela erguendo de leve a sobrancelha. (...)

— Não temos teatros — prosseguiu ela— não temos concertos . não temos bailes , não temos nada. Sem olhar para nora, Bibiana observou:

— Há pessoas que passam muito bem sem festas.

Luzia sorriu com doçura.

— eu sei que há, D.Bibiana, Mas é que eu gosto dessas coisas. Principalmente de música.(CII,410-411)

Outra forma que Luzia encontrava para exercer sua autonomia era participando das rodas de conversas genuinamente masculinas, mostrando que também era capaz de ter conhecimento e retórica para opinar e estar presente nos diálogos travados. Vejamos a seguinte passagem, narrada pelo médico Winter. Luzia pronuncia-se:

— Vosmecês não acham que estamos vivendo numa época muito interessante ? perguntou ela, passeando os olhos em torno a si mesmo. Não tinha mais a veludosa de outros tempos : estava cansada e gasta.

— Eu acho — respondeu ele em voz alta— que todas as épocas são interessantes . o Essencial é a gente estar vivo...

Luzia pareceu animar se.

— Mas não, doutor. Veja bem. Quanta coisa esta acontecendo no mundo hoje! Basta ler o jornal.

Assanhada! — dizia Bibiana em pensamento olhando pra nora. Esta doente , com um tumor na barriga , anda que nem pode de dor e no entanto fica aqui embaixo conversando. Por quê? Só porque tem homem na casa. Assanhada!

—A guerra civil nos Estados Unidos... — enumerava Luzia — A libertação dos escravos , a morte de Abraão Lincoln... Ah a maravilhosa história de Maximiliano , imperador do México... ainda ontem estive lendo a respeito dele nun almanaque.(CII.524)

Luzia queria se mostrar culta, era uma leitora, coisa bastante peculiar para a mulher de sua época. Nesse momento a dita Teiniaguá já se encontra bastante doente, fazendo questão, porém, de participar dos encontros sociais, para embaraço de sua sogra, que vê indecência em tais atitudes. Presume-se que nas rodas de conversa ela tem um momento de prazer em ser quem ela é, mostrando que mulheres podem ter sua própria opinião sobre a vida e o mundo além da educação dos filhos e das obrigações da casa, e interessarem-se por mais diversos assuntos

Nessa perspectiva, Luzia é uma das primeira personagens a questionar diretamente o patriarcado e a vida que era direcionada às mulheres. Em um almoço no sobrado, Luzia já estando casada com Bolívar, os moradores locais refletem sobre os homens da província e sua integridade. A partir disso, a figura do falecido Rodrigo Cambará, marido de Bibiana, entra em voga. Nessa conversa surge o apego dos homens pelos seus animais, e a certa altura do assunto acontece o seguinte diálogo, que é selecionado a partir da fala do Dr Winter :

— Se não me engano — observou o médico — isso quer dizer que Cap. Rodrigo julgava tanto as mulheres como os cavalos pela boca...

Luzia , que até então estivera com ar abstrato , falou:

— Mas Dr. Winter, nessa terra os homens não fazem muita diferença entre as mulheres e os cavalos .

Bolívar de súbito empertigou o corpo e, sem voltar a cabeça para mulher, protestou:

— Ora , vosmecê nem devia dizer uma coisa dessas .(...)

— Mas é verdade, Bolívar! — replicou Luzia. — Veja bem, doutor, a ideia dos gaúchos em geral é a de que cavalo e a mulher foram feitos para servirem os homens. E nós nem podemos ficar ofendidas, porque os rio-grandenses dão muito valor aos seus cavalos...(CII.417)

A indignação de Luzia se expressa contra valores como os de mulheres serem companheiras porém serviçais e domáveis pelo homem, anulando seus desejos e vontades. Além do mais, como ela mesma diz, não poderiam nem ficar ofendidas. No entanto, Luzia já não aceitava isso como algo incontestável e natural. A conversa continua:

— Fui educada na Corte. Sei como vivem as mulheres nas grandes cidades do mundo.

Bolívar estava sombrio e mexia com a mão distraída o seu leite com morango. Winter sorvia sua mistura com gosto e seus bigodes estavam respingandos de leite.

— É por isso que eles não querem mandar as mulheres para a escola — continuou Luzia .

— Na escola não ensinam a costurar, nem cozinhar, nem cuidar dos filhos — murmurou Bibiana sem olhar para a nora e mal descerrando os lábios.(CII.417)

A fala de Bibiana expressa bem quais eram as obrigações impostas para mulheres na sua época. Era inadmissível uma mulher não ser boas naquelas tarefas, as provocações são dirigidas diretamente para sua nora. Todavia, Luzia manifesta-se primeiro, fazendo a crítica à cultura local, que nega o direito à educação para as mulheres para que assim não consigam ter novos horizontes. É visível que Luzia não se identificava com essa cultura e não aceitava tais padrões.

Em umas das suas primeiras aparições na obra, no dia de seu noivado com Bolívar Cambará, estão discutindo no sobrado a condenação à morte do negro Severino e, nesse momento seu noivo está bastante apreensivo por seu testemunho ter sido o motivo principal da condenação, Bolívar era amigo do negro na infância, o que o deixava ainda mais nervoso. Em um diálogo no sobrado entre Luzia e o Dr. Winter, temos:

— Negro não é gente — disse ela.

Todos os olhos voltaram para moça. Santa Rita disse uma barbaridade — pesou Florêncio. Bolívar parafraseou mentalmente as palavras da noiva “Severino não é gente. Vão enforcar um bicho”(…)

— Há uma coisa que você não compreende, doutor.

Bolívar sentia se constrangido por ver a noiva conversar com o médico sobre aqueles assuntos de que ele não entendia. teve vontade de gritar para Winter “cuide da sua vida. Volte para seu lugar. Nos deixe em paz!”

Luzia abriu o leque e começou abanar se serenamente.

— Vosmecê não acha, doutor— perguntou ela — que ser bom ou ser mau é uma questão de mais ou menos coragem?(CII: 379)

Luzia é provocativa¹⁰, sabe que tal colocação vai desagradar a muitos e muito mais a seu noivo, que se sente culpado pela morte de Severino. Quando ela se refere ao ser bom e ruim, isso talvez possa ser interpretado como uma instigação a todos na sala, quer dizer, será que ela não pode estar indagando sobre a bondade de todos ali dentro da sala, que se sentem tão íntegros

¹⁰ A intencionalidade do estudo não é indagar sobre a personagem ser ou não racista, além disso, não procura saber se a personagem tem uma moral boa ou ruim sobre uma perspectiva atual e sim entender como, sendo mulher, que formas ela encontrou de ter voz ou resistência, porque ela foi constituída assim dentro da obra.

É relevante entender a personagem a partir de sua resistência e provocações. Ela vive em uma cidade que não preza ,com uma sogra que a detesta e que domina e usufrui de uma herança que seria dela, perde ao longo da narrativa pessoas que tinham apreço por ela ou seja, o marido Bolívar Cambará e seu avó Aguinaldo Silva, e luta pelo amor do filho¹¹. E, por fim é tomada por um tumor no estômago que a liquida aos poucos e do qual pouco se queixa

Portanto, se concordamos com nossos “refletores”, só conseguimos ver uma visão que mostra somente a face que seus narradores dão à personagem, o que a deixa limitada, ou seja,

A Teiniaguá é muito mais interessante do que a estreiteza sob a qual é apresentada por Bibiana e Winter , o que se percebe nos poucos momentos em que sua voz se faz ouvir; em conversas surpreende com suas posições lúcidas e críticas corrosiva á realidade sociocultural de Santa Fé´. Essas circunstâncias , embora esporádica , põem em xeque a perspectiva dos refletores , cujo os olhares estão obnubilados pelos sentimentos de amor e ódio que nutrem por Luzia.(GOMES.2006:40)

É claro que Luzia é uma personagem transgressora. Diferentemente das outras personagens, ela não tem seus valores vinculados aos Terras Cambarás, não sendo também submissa ao marido. Era culta e dona de pensamentos bem diferenciados em relação à sociedade local. Como o próprio autor e seus estudiosos relatam, Luzia parece querer contracenar com uma realidade temporal. A personagem pode ser uma das interpretações que Erico faz do momento que ele próprio vive. Luzia é o novo, a polêmica, o indecifrável, mas, com certeza, problematiza o universo feminino de forma crítica.

4. Considerações Finais.

Tendo como objetivo entender o modo como Erico constituiu e arquitetou as personagens femininas em *O Continente*, chegamos a algumas conclusões.

¹¹ Em algumas passagem da obra percebe-se a busca que Luzia tem na conquista do filho. Licurgo ama sua mãe, tanto que não percebe que ela e a avó não gostam uma da outra e sofre sua perda. Luzia sofre por saber que o filho terá o mesmo destino que o dela.” Mas, ao passar ao passar perto da mãe, esta agarrou-lhe a mão com força , puxou-o para si, estreitou-o contra o peito e começou a beijar-lhe o rosto, a beber as lágrimas a chorar também com ele e a murmurara coisas muitos ternas e lamurientas.— “Vou morrer, meu filho, vou morrer. Tus vai ficar, vais esquecer a tua mãe, todos vão esquecer. A vida é triste, meu filho, eu vou morrer”(CII:513) . Luzia busca a aprovação de Licurgo, tem medo que ele não a ame. Luzia agoniza ao saber que não estará ali para ajudar em sua criação e aconselhar sobre seus destino.

Primeiramente, identifica-se que todas as personagens estudadas questionam a vida resignada que levavam; ademais, indagavam-se sobre o desprestígio da mulher naquela sociedade. À vista disso, contemplam-se passagens do livro em que, em pequenos momentos, as mulheres expressam tais sentimentos, como, por exemplo, quando da morte de Dona Henriqueta, mãe de Ana Terra. Ali, observamos a seguinte passagem . “Ana não chorou. Seus olhos estavam secos e ela estava alegre, porque sabia que a mãe finalmente tinha deixado de ser escrava.” (CI:150)

Esse mesmo tormento aparecerá em outras passagens, por exemplo, quando Ana Terra, anos mais tarde, ocupando-se do seu ofício de parideira, ao ajudar uma criança a nascer pronuncia as seguintes palavras:

— É mulher— E a seguir sem amargor na voz, quase sorrindo, exclamou: — Que Deus tenha piedade dela. (p.138)

Quando sua segunda neta nasce, Bibiana, ao ver-lhe o sexo a avó resmunga: ‘mais uma escrava’. E atirou a tesoura em cima da mesa num gesto de raiva e ao mesmo tempo de alegria.’(CI:149)

Além do mais, quando a própria Bibiana fica sabendo do falecimento da neta, reproduz novamente esses pensamentos:

— Morreu em boa hora. Essa não tem de trabalhar, sofrer, casar criar filhos e ficar esperando quando os filhos vão pra guerra. (CI:169)

Maria Valéria, sobrinha neta de Bibiana, rediz as suas seguintes considerações: cacoete hereditário...” (CII:324).

Outra personagem que demonstra seu descontentamento é Luzia, que enuncia as seguintes palavras em um jantar familiar:

— Eu sei que sou censurada, que sou falada na vila só porque não quero ser como as outras mulheres que levam uma vida de escravas. (CII:417)

No dicionário online de português Aurélio, o significado de escravo é “cativo, o que vive em absoluta sujeição a outrem. Dependente; dominado por um sentimento, uma ideia; ser escravo da sua palavra: cumpri-la custe o que custar.” Ser escravo não é apenas uma condição física, ser escravo pode ser refém de um sentimento, de alguém ,

de valores que podem ou não ser perceptíveis – no sentido de conscientes - ao ser humano. Portanto, existe nessas personagens uma compreensão de certa posição e resignação em relação à sociedade. Ser mulher surge como sinônimo de dor, de angústia e de uma carga predestinada de tarefas, que aparecem como uma incumbência obrigatória no destino das mulheres. Em várias passagens da obra, é reafirmado sobre o destino melancólico e sofrido da mulher, e portanto, nos parece, há uma crítica às instituições sociais que controlam e subestimam a figura feminina.

As personagens Ana Terra, Bibiana e Maria Valéria apresentam-se como representando a integridade e a força da mulher gaúcha, a vitalidade da família. São onde encontramos o acolhimento e a sabedoria. Cada uma delas possui personalidade forte e procura lutar pelo que acredita mesmo diante de todas as adversidades que são. Personagens como elas surgem para desmitificar o tão honrado mundo masculino. São elas que suportam as responsabilidades com pulso firme, pois, enquanto os homens viviam em guerra, disputando territórios, eram elas que davam continuidade e manutenção ao chão rio-grandense. Portanto, decorre que Verissimo as transforma nas reais protagonistas da história gaúcha. Sendo Erico Verissimo importante escritor modernista, que tem como grande preocupação o sacrifício do indivíduo no mecanismo social, as mulheres, em sua visão, são as mais atormentadas histórica e socialmente, sendo assim merecedoras de destaque e consideração.

É clara a realidade submissa da mulher gaúcha. O comportamento dela reside em torno do bem estar masculino. O silêncio, o não questionamento, os afazeres domésticos são elementos do padrão de “boa mulher”. Dito isso, Maria Valéria e Luzia estão postas no livro como uma quebra no comportamento feminino, as personagens representam exemplos de resistência e de questionamento àquela ordem. Ana e Bibiana também não são totalmente resignadas aos comportamentos ideais. Nesse sentido, entendemos todas elas como constituindo personagens fortes, decididas – elas não podem ser personagens submissas, e isso as diferencia.

Ana Terra ganha o filho e perde o amado, sua satisfação baseava-se em viver para a criança, como a figura de sua neta Bibiana Terra Cambará, com o marido sempre distante à procura de aventuras amorosas ou, como um bom homem do seu tempo, à procura de uma boa “peleia”, vivendo em um mundo de angústias e felicidades

momentâneas. Seu mundo girava em torno do capitão, e com a morte deste sua vida se voltou em grande parte à criação dos filhos.

Sobre o “mito materno”, extremamente presente nas personagens mulheres da obra, Lélia Almeida apresenta o mito mariano, que exalta a função materna nos personagens femininos e que configura o arquétipo da Grande-Mãe. Conforme Almeida (1996), essas personificações ilustram as mães e s do texto, que “só é lido no seu aspecto positivo, de afetividade e doação. As mães do texto não têm para com seus filhos sentimentos hostis ou de rejeição. A função materna as realiza plenamente.”

Por isso, há no imaginário social a percepção de que essa força vem acima de tudo do fato de serem mães. Maria Valéria não é mãe, mas é ela quem se preocupa e cuida da alimentação dos filhos da irmã, que, como observamos, têm por ela um apego materno. Até mesmo Luzia, que aparece de forma diferenciada, luta pelo amor do filho e nas fases finais de sua doença acredita-se que ela se mantém forte para conseguir tirar ele de Santa Fé, pois não se identifica com a comunidade e acredita que ele possa ser feliz e ter um destino diferente do dela. Logo, pode-se dizer que grande parte de seu estímulo vem da maternidade, a fêmea que faz de tudo pela prole.

No que diz respeito aos dois primeiros volumes da obra, nenhuma das mulheres faz ultrapassar sua autoridade para além do espaço doméstico. Mulheres de grande destaque como Ana Terra, Bibiana, Maria Valéria e, fora desse núcleo familiar, Luzia, são mulheres com personalidades destacadas e que conquistam uma certa autonomia em suas vidas, mas seu espaço é bem demarcado no interior de seu núcleo familiar.

Além disso, as quatro personagens têm sua vida sexual restrita ou inexistente . Ana, Bibiana e Luzia terão apenas um parceiro a vida inteira, e mesmo com a morte de seus parceiros não se envolvem amorosamente ou sexualmente com mais ninguém, assim como Maria Valéria, que permanece com a virgindade intacta. Existe em torno do corpo dessas mulheres a criação de uma castidade sexual e a imposição de sacrifícios do corpo; no entanto, os prazeres carnis fazem parte intensa do território masculino. Ademais, elas não parecem sentir essa necessidade, e isso, junto com a falta de parceiros, as tornaria mais espertas e fortes. Sexualidade seria, portanto, algo dispensável no universo feminino...

Ora, Ana sofre com o assassinato do amado Pedro missioneiro e com o estupro de seu corpo – mas ela encontra o prazer sexual e amoroso, sendo isso, no entanto, totalmente excluído de sua vida posteriormente . Luzia, que por muitas vezes é vista por sua voluptuosidade, é tomada de um câncer devastador no estômago. Essas mulheres parecem ser punidas pelas suas atitudes e escolhas. Nenhuma das quatro mulheres estudadas encontram-se tomadas de felicidade ou realizadas.

Considera-se que Verissimo de alguma forma estava conectado com o universo feminino positivamente , ele procura dar voz às mulheres e mostrar o quão poderosas e batalhadoras podem ser. A mulher gaúcha que ele idealizou nos dos primeiro volumes de *O Tempo e o Vento* são valentes e sofridas. Cada uma delas detém suas particularidades, algumas têm valores parecidos, mas cada uma tem particularidades bem específicas, olhares diferenciados para o mundo, são representações femininas. Ana é mãe-terra, Bibiana é determinada, Maria Valéria é uma sombra moral, e Luzia a instigação.

No entanto, o destino de nenhuma delas foge à regra do contexto social em que elas vivem. Quer dizer, são mulheres diferenciadas, mas, no contexto da obra nada muda em relação ao destino delas. Todas continuam tendo uma vida triste, cheia de tormentos e suas atitudes não mudam a ordem estabelecida.

Logo, a obra contribui de forma positiva quando dá voz e protagonismo a personagens femininas. Sendo a obra importantíssima no imaginário gaúcho, coloca a mulher como um importante personagem na história. No entanto, traz ainda um olhar carregado de estereótipos - as mulheres sofrem a carga maior de sofrimento sem questionamento -, um olhar carregado de sentimento sobre a maternidade juntamente com a desvinculação da sexualidade, ora vista como arma de sedução ora como não necessária no universo feminino. Além disso, nenhuma delas tem uma posição de liderança fora do núcleo familiar, seu protagonismo não alcança um polo maior de influência, politicamente, economicamente e socialmente. Contudo, *O Continente* ainda continua precursora no que diz respeito à visibilidade da mulher na literatura e na história.

5. Referências

ALMEIDA, L. **A Sombra e a Chama: As Mulheres d'O Tempo e o Vento**. Santa Cruz do sul: ed, UNISC,1996.149 p.

BALZAN, C.F.P. **Bibiana X Luzia: Preservação E Destruição Em “O Tempo E O Vento”** . Jacarezinho, v.7, p. 58-72, jan./jun., 2017.

BARROS,J.D. **A Nova História Cultural : considerações sobre o seu universo conceitual e seus diálogos com outros campos históricos**. Cadernos de História. v. 12, n.16 .p.38-63. 2011. Disponível em:<<http://periodicos.pucminas.br/index.php/cadernoshistoria/article/view/P.22378871.2011>.> Acesso em: 10 de jun. 2017.

BORGES,R. **História e Literatura: Algumas Considerações**. Revista de Teoria da História. Ano 1, N. 3, junho. 2010. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/teoria/article/view/2865>. Acesso em: 10 de out.2016.

BORGES, G.R. **Análise da Figuração Feminina em O Tempo e o Vento, de Erico Veríssimo**. Eletras, vol. 18, n.18, jul.2009. Disponível em: <<http://revistatrias.pro.br/index.php/artigos/investigacao-e-analise/87-analise-da-figuracao-feminina-em-o-tempo-e-o-vento-de-erico-verissimo.htm>> .Acesso em: 1 jun. 2017

CANDIDO, Antonio. **A educação pela noite & outros ensaios**. São Paulo: Ática, 1989. p. 140-162: Disponível em: <<http://www.cdrom.ufrgs.br/candido/candido.pdf>> acesso: 10 jan. 2017

CHAVES, F. L. **Erico Verissimo: Realismo e Sociedade**. Porto Alegre: Globo, 1976

CHAGUARI,M.M . **O norte e o sul: região e regionalismo em meados do século XX**. sociologia&antropologia. rio de janeiro, v.04.01: 185 –206, junho, 2014

CISNE, Mirla. **Feminismo e consciência de classe no Brasil**. Cortez Editora, 2015..

DAUPHIN. **Teória Das Mulheres. Cultura E Poder Das Mulheres: Ensaio De Historiografia**. NUTEG V.2-N. 1.Niterói: UFF, 2000, p. 7-30

DINORAH, M. Dona Sorte ou o Aprendizado Literário. BORDINI, Maria da Glória. **A arte de Escrever: Erico Verissimo**. Porto Alegre : UFRGS.1997. p.35-46.

GOMES, G. Luzia e os “centros de consciência” .BETIOL,M.R.B; CUNHAP,L.F. RODRIGUES,S,V. **Erico Verissimo: Muito além do Tempo e o Vento**. Porto Alegre: UERGS,2005.p. 29-40.

GOMES, G.A. **História, Mulher e Gênero** . Universidade Federal de Juiz de Fora.2015

GRANDI,C. Somos Todos uns Mentirosos. . BORDINI,M,G. **A arte de Escrever: Erico Verissimo**. Porto Alegre : UFRGS, 1997.p.60-67.

LUCAS , F. **Ética e Estética de Erico Verissimo**. Porto Alegre: AGE, 2006.

KANTORSKI, E.L. **A Mulher e a cidade: as representações femininas no Romance de Erico Verissimo na década de 30 e 40**. 222f. Tese(Doutor em Teoria literária). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

MOMBACH, C. **A Representação Da Cultura Brasileira Teuto-Gaúcha Na Literatura Sul-Rio-Grandense Contemporânea**. 128 f. Dissertação (Mestrado em Literatura Comparada) Programa de Pós-Graduação em Letras ,Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2008.

NAVARRETE. Eduardo. **Roger Chartier e a Literatura**. Revista Tempo, Espaço e Linguagem (TEL), v. 2 n° 3 p. 23-56 Set./Dez. 2011

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contesto, 2015.

PESAVENTO, S.J. **História & literatura: uma velha-nova história**. 2006. Disponível em: <<https://nuevomundo.revues.org/1560>>. Acesso em: 17 de Maio. 2017

PESAVENTO, S.J. **O mundo como texto: leituras da História e da Literatura**. História da Educação, ASPHE; FaE; UFPel, Pelotas, n.14,p.31-45,set.2003.

RAGO, M. **Epistemologia Feminista, Gênero e História**. UNICAMP.1998

RODRIGUES M. C. M. **O tempo e o vento: literatura, história e desmitificação**. MÉTIS: história & cultura .v. 5, n. 9, p. 289-312, jan./jun. 2006

SANTOS, D. **O projeto literário de Erico Verissimo**. Estudos de literatura brasileira contemporânea, n. 44, p. 331-363, jul./dez. 2014

- SCOTT, J. **Gênero: Uma Categoria Útil Para Análise Histórica**.1989.
- SCHOLZE,L.A **Mulher na Literatura: Gênero e Representação**. Gênero, Niterói,n.14,p.31-45, 2003.
- SILVA, T.M.G. **Trajétória da Historiografia das Mulheres no Brasil Politeia: Hist. e Soc. Vitória da Conquista**, v. 8 ,n. 1, p. 223-231.2008
- SOUSA A.R.L. **A Construção do Estado Brasileiro em Erico Verissimo e Raymundo Fauro**. 251f. Tese (doutorado em Letras) Programa de pós-graduação em Letras. UFRGS, Porto Alegre. 2013
- SOUSA F.F. **Os Conceitos de Cultura e Linguagens na Historiografia: um Debate Interdisciplinar**. INTERthesis. Florianópolis, v. 12, n. 2. p.18-33, Jul-Dez. 2015
- SOUZA.A.K. **A Personagem Feminina Na Literatura Brasileira**. 74 f. Monografia Diretoria de Pós-Graduação da Universidade do Extremo Sul Catarinense. Criciúma: 2005.
- SOUZA, A.E; FREITAS,V.M.O. **Dr. Mozart e sua contribuição para as letras sul-riograndenses através dos prefácios nas obras de Erico Verissimo e de João Simões Lopes Neto**. Disponível em: <://www.letras.ufscar.br/linguasagem/edicao18/artigos/043.pdf.> Acesso em: 1 jun.
- TORRESINI, Rochadel Elizabeth. **História e Literatura Ensaios**. Porto Alegre: Literalis, 2007.
- VERISSIMO, Erico. **O Continente I**. 31 ed. São Paulo : Globo,1995.
- VERISSIMO, Erico. **O Continente II**. 29 ed. São Paulo: Globo, 1997.
- VERISSIMO, Erico. **Solo de Clarineta**. 9 ed. Porto Alegre: Globo, 1976.
- ZILBERMAN, R. Saga familiar e História Política .GONÇALVES, R.P. **O Tempo e O Vento :50 anos**. Santa Maria: UFSM; Bauru,: EDUSC. 2000. p25-44.

